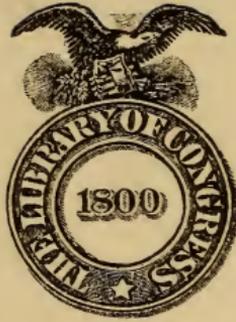


PQ 9261

.S58 C3

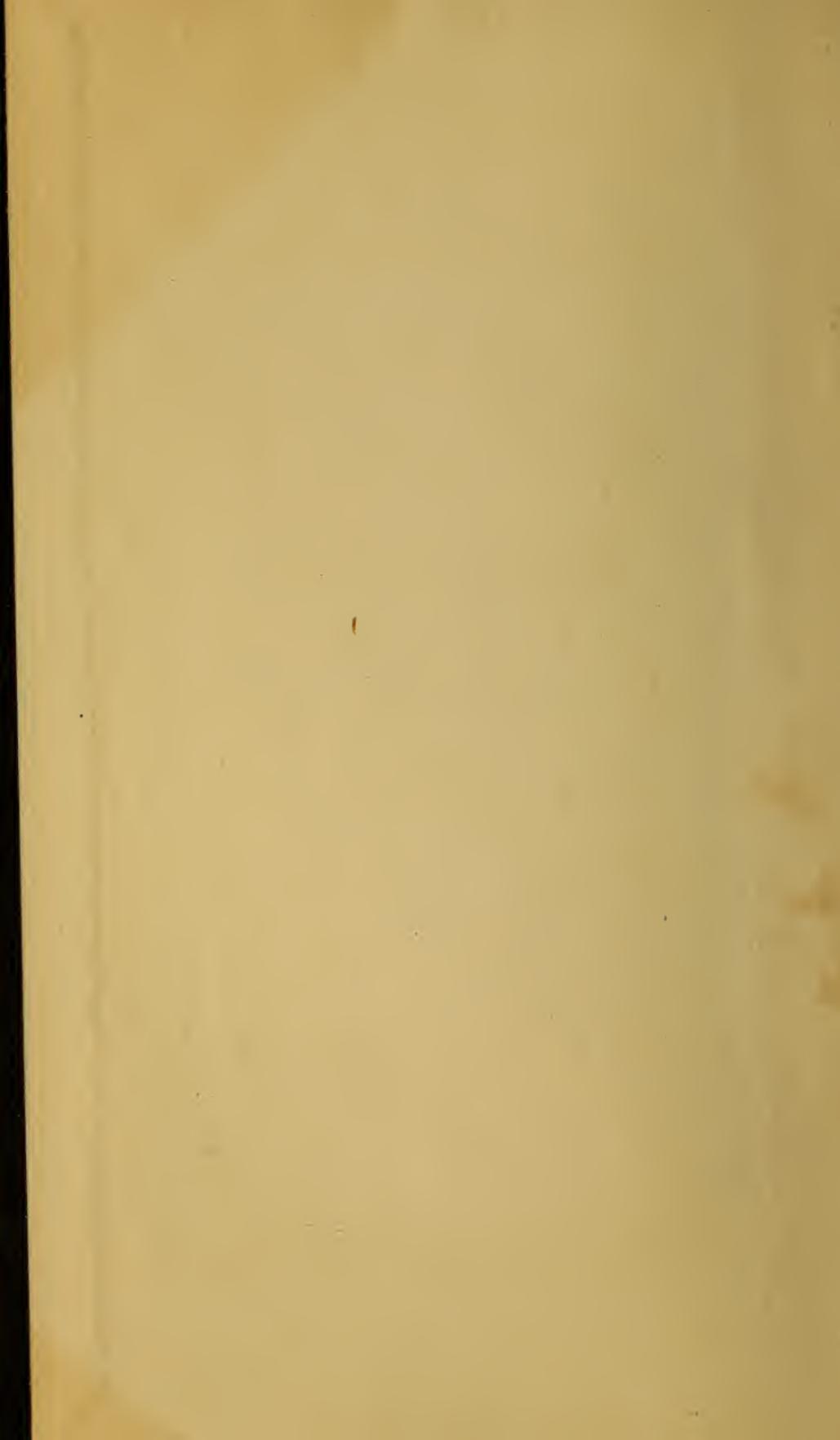
Copy 1



Class PQ 9261

Book S58 C3





421

# CANTOS E LAMENTOS

POESIAS ESCOLHIDAS

DE

J. S. DA SILVA-FERRAZ.



PORTO :

TYPOGRAPHIA DE FRANCISCO GOMES DA FONSECA,

Rua das Hortas n.º 102.

1857.



1599  

---

3939

**CANTOS E LAMENTOS.**



# CANTOS E LAMENTOS

POESIAS ESCOLHIDAS

DE

*Joachim  
"Lances"*  
J. S. DA SILVA-FERRAZ.



PORTO :

TYPOGRAPHIA DE FRANCISCO GOMES DA FONSECA,

Rua das Hortas n.º 102.

—  
1857.

PQ9261  
S58C3

387270  
'29

AMK June 6/32

Goces, dichas, aciertos, desvarios...  
Conforme esté mi humor, porque a él me ajusto,  
Y allá van versos donde va mi gusto.

ESPRONCEDA.

*(El diablo mundo.)*



I.

## HYMNO Á LUA.

AO MEU AMIGO A. AYRES DE GOUVEA.

Levanta-te ! Surge ! Rainha modesta  
Que vens pudibunda da noite na festa  
Teu sceptro tomar !  
Detraz das montanhas, o que é que tu sondas ?  
O sol ? Não o temas, que ha muito nas ondas  
Se foi occultar.

E a noite é bem triste, sem ti, meiga lua !  
Sem ti o regato perdido fluctua,

Nem sabe onde vae.

Pratea-lhe as agoas co'a luz argentina !  
Alegra-lhe as margens ; que a densa neblina  
Ao ver-te se esvae.

A noite é bem triste sem ti, astro lindo !  
Mas quando appareces, das nuvens abrindo  
Os pallidos veus,  
Tão lindo, e tão serio, parece teu rosto  
De virgem que esquece do mundo o desgosto,  
Scismando nos ceus.

Sem ti as montanhas que ondêam distantes  
No pardo horisonte, não têm habitantes,  
Ninguem mora lá.

Mas descem teus puros, diáfanos mantos,  
E logo mil sombras de aéreos encantos  
Teu brilho lhes dá.

Eu amo-te sempre, quer brilhes entre ondas  
De nuvens gigantes, quer tímida escondas  
O casto fulgor —

Bem como o futuro que sonha o poeta  
Nos sonhos incertos da mente inquieta —  
Já gozo — já dôr.

Ás vezes amiga de velhas ruínas,  
O antigo mosteiro calada illumina,  
                    Beijando-lhe a cruz ;  
E á cruz mutilada que a turba despreza  
Só tu lhe diriges poetica reza,  
                    Banhando-a de luz.

Ás vezes espreitas por entre cyprestes  
A estancia dos mortos, e os túmulos vestes  
                    Com mantos de dó.  
E guias a virgem que triste procura  
Um caro jazigo, e um nome murmura  
                    Que tu ouves só.

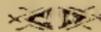
E o homem não ama teus candidos mantos —  
Á vida aspirando, dedica seus cantos  
                    Do sol ao fulgor.  
Mas quando são findos os sonhos da vida,  
Só vae affagal-o na extrema guarida  
                    Teu mystico amor.

Eu não ; eu não gósto da luz orgulhosa  
Desse astro que anima co'a chamma pomposa  
                    Da vida o festim.  
O sol ! não é elle que pinta os martyrios,  
E os roxos amores, e os candidos lyrios,  
                    E o casto jasmim.

Bem sei que do dia o astro luzente,  
Se para nós morre, n'um outro oriente  
Mostrar a luz vae —

Mas eu, cá na terra tambem passageiro,  
Quero antes a lua, modesto luzeiro  
Que vive e se esvae.

1855.



## II.

### O MAR.

O espirito de Deus era levado  
por cima das agoas.

GENESIS.

#### I.

Ruge ó mar ! Eu vim sentar-me  
Nestas rochas junto a ti.  
Quero ouvir teus sons altivos,  
Que os da terra aborreci.  
Lá ou se ouvem de tyrannos,

Que folgam, risos profanos,  
Ou de escravos o chorar.  
Tu só dizes liberdade,  
Doce nome que sempre ha-de  
Em minha alma um echo achar.

Tu és livre qual sahiste  
Da idéa do Creador,  
Quando o cáhos se tornou mundo,  
E brotou da terra a flôr.  
Era assim livre e fagueira  
A terra, da vez primeira  
Que para Deus se enflorou.  
Mas depois homens vieram,  
Depois tyrannos nasceram,  
E a liberdade expirou.

Tu sem symbolo ficaste !  
E ainda hoje a tua voz  
É um solemne protesto  
Contra a tyrannia atroz.  
Mas de balde a humanidade  
Tem buscado a liberdade  
Que na terra é sonho vão !  
Livre só tu, Oceano !  
Só tu sorris soberano  
Dos humanos á ambição.

É por isso que te eu amo,  
E por instincto te amei,  
Quando, infante, horas inteiras  
A contemplar-te passei.  
Como tu, eu só me humilho,  
Inda que da terra filho,  
Ao teu Deus, meu Deus também.  
Eu desprezo vis escravos,  
Como tu zombas dos bravos  
Que domar-te as ondas vem.

Mar! oh mar! Quando te eu vejo  
Descuidoso ás praias ir,  
E depois, envergonhado  
Da terra logo fugir,  
Oh! então eu tenho pejo  
Da minha patria! Desejo  
Ter nascido filho teu!  
Ser teu filho, e ou furioso,  
Ou risonho e bonançoso,  
Sempre ter a côr do ceu.

II.

Mar! como és bello sempre! ou manso e manso  
Tuas ondas se elevem vagarosas,  
Como as louras espigas que no campo

Varrera o norte no correr ligeiro,  
E vem depois erguer brisas contrarias —  
Ou junto á costa as vagas rancorosas  
Formem surgindo serras sobre serras,  
Como as que o viandante descortina  
Ao longe no horisonte, recostado.  
Mar ! como és bello sempre ! ou vás amigo  
Cingir as rochas de leitosa espuma,  
Ou arrufado já e descontente  
Tu queiras submergir esses penedos,  
E intentes castigar-lhes a ousadia  
De se erguerem acima do teu nivel.  
Sempre és sublime, ó mar ! sempre me é grato  
O teu risonho ou carrancudo aspecto !  
Eloquente pregão d'um Sér eterno,  
Dizes sua bondade em teu socego,  
Dizes sua justiça em teus furores !

### III.

Oh ! como é magestoso um sol de estio  
Dourando as nuvens e argentando o Oceano !  
O Oceano — cuja face fluctuante  
Semelha então as transparentes roupas  
De adormecida virgem, com que brinca  
A caprichosa viração da tarde.

Esses raios, ó mar, que o sol te envia  
À tua sempre movel superficie,  
Dão-te um aspecto tão sublime e grande,  
Que a vista do poeta ora se espraia  
Pela tua extensão indefinida,  
Ora no céu se fita, e duvidoso  
Não sabe qual será de Deus, dos anjos  
A magnifica estancia !

IV.

E depois, quando é noite e que a lua  
Lhe dá jorros de mystica luz,  
Como é bello assim visto o Oceano !  
Como a onda em seu seio reluz !

Quem ao ver os reflexos infindos  
Que se agitam na face do mar,  
Não crê ver infinitas estrellas  
De nos astros inveja excitar ?

Quantas vezes, ó mar, eu desejo  
Ser então esse raio da lua ;  
Ser o sôpro das auras, ser tudo  
Que em teu cimo brincando fluctua :

Porém, quando se turbam os ares,  
— E os teus brados repete o trovão,  
Como os echos do monte repetem  
Finaes notas de triste canção ;

Quando a brisa se esconde entre as flores,  
E entre as nuvens da lua o fulgor ;  
E tu ergues altivo essas ondas  
Que ameaçam os ceus c'o fragor ;

A minha alma, anhellando o infinito  
Desejava a procella então ser ;  
E co'as vagas, co'as nuvens, c'os raios  
Confundir-se em sublime prazer.

1851.



III.

AO MESMO.

I.

E és sempre — és inda o mesmo — Em vão um seculo  
A outro se succede,  
Como as ondas que expede  
Teu fundo seio. Onde houve um grande imperio  
Brotta hoje inutil herva —  
Mas a terra conserva

Monumentos inuteis, vans memorias  
Das gerações que foram,  
E que mortas se adoram  
Inda se ergue de Chéops a pyramide,  
Retracto monstruoso  
Do Egypto mysterioso.

Junto ás vagas a tumba de Themistocles  
Sobre as rochas assoma —  
E a grandeza de Roma

Por mil pedras retumba, como um cantico  
Que depois de acabado  
Deixa no ar longo brado :

Tu não — tu não recordas os ephemeros  
Louros que o homem veio  
Procurar a teu seio.

Foi em vão que da Persia o altivo despota  
Tentou punir um dia  
A tua rebeldia.

Dessas armadas que assustaram Héllade  
Que valeu o prestigio?  
Nas ondas seu vestigio

Tanto durou como o da lancha timida —  
Um sulco n'uma vaga,  
Que outra sorrindo apaga.

II.

Lá surge a vaga — ondulante  
Cresce, cresce, e n'um instante  
Parece altivo gigante  
Que nas nuvens quer tocar.  
Mas quando já se arremessa  
Com mais furia, e mais se appressa —  
Mais salta a espuma travessa,  
Com seu furor a brincar.

Tu, ó Grecia, bem disseste  
Quando a Belleza celeste  
Filha da espuma fizeste,  
Em teu ardente sonhar.  
A espuma corôa a vaga,  
E é quem a furia lhe apaga —  
Tal a Belleza embriaga,  
E sabe a força algemar.

É que o rei da natureza,  
É que Deus — junto á grandeza  
Poz a innocencia e a belleza —  
Poz o amor e a força a par.

Tem astros o firmamento  
Que elevam o pensamento —  
E o veu da lua alvacento  
Que inspira vago scismar.

Assim a hera se enlaça  
Na alta torre, que devassa  
Os ceus e por onde passa  
O tempo sem a arruinar.  
Assim o zefiro brando  
Agita as folhas, passando,  
Ao carvalho venerando  
Que o tufão póde arrastar

1856.



IV.

SOLEDADE.

The widow'd turtles mateless die —  
The phœnix is but one.  
They seek no loves — No more will I,  
I'll rather dwell alone.

(W. SCOTT.)

Cansada já de conceber 'speranças,  
Que inda tam verdes o soffrer murchou,  
Que buscas, alma, se jámais alcanças  
Essa visão que em teu sonhar passou?  
Quizeste ós entes do pensar enfermo  
Achar na terra — punge-te arduo espinho.  
Findou a lide — que vês tu? um ermo!  
Nem vês um ramo vicejar sósinho.

Ai, onde existe coração fervente,  
Que palpitando corresponda ao meu?  
Onde alma pura, de pensar ardente,  
Que a terra deixe procurando o ceu?  
Embora o rosto me estremeça e escalde  
Virgineo beijo a simular carinho.  
O amor que eu quero — procurei-o embalde,  
Não posso achal-o — viverei sósinho.

Lá quando a lua que saudade inspira  
Por alta noite seu fulgor mostrar.  
Quando das auras vagabunda lyra  
Sentidos echos na amplidão soltar;  
Tambem no rosto brilhará meu pranto.  
Tambem ás queixas abrirei caminho;  
E em nenhum peito echoará meu canto,  
E o chôro as pedras molhará sósinho.

Era bem outro esse viver sonhado  
Por longas noites que feliz velei!  
Apenas anjos haverão gozado  
O Éden de amores que a scismar gozei.  
Tal como, affagos prelibando, corre  
Contente rola do parceiro ao ninho,  
E não o encontra, e em viuvez lá morre —  
Tal eu me achei — tal morrerei sósinho.

Mais tenue lume, com sereno enleio,

Nesta alma então bruxulear senti ;

Quiz na amizade repousar o seio,

Já que o amor me repelliu de si.

Engano! o gêlo que ha no peito do homem

Não secca o pranto em que infeliz definho...

Se cruas penas meu viver consomem,

Ninguem se importa — chorarei sósinho.

Deserto immenso vejo em ti, ó mundo !

Não tens um ponto onde repouse o olhar.

Só muito longe, só bem lá no fundo

Negreja o leito aonde alfim pousar.

Transito duro! A viração que passa

Seguem-n'a às flores lá do val mesquinho :

Só minha vida a nenhum ser se enlaça,

Só eu na terra passarei sósinho.

Mas tambem tu, ó rouxinol saudoso,

Só pelos ermos, da harmonia és rei !

Longe dos vivos, o cypreste annoso

Se eleva placido — assim eu serei.

Só uma prece, meus irmãos vos faço,

Quero o sepulchro da soidão visinho.

Quero da morte no feliz regaço,

Como vivera, repousar sósinho.

Sim, venha a morte, q não pulsar do peito,  
De mil desejos o cessar emfim ;  
Largar da vida o irrequieto leito —  
Sentir o gêlo d'uma lousa em mim.  
Embora seja a eternidade um sonho —  
Eu, campa, eu vou — eu para ti caminho ;  
Tu findarás este viver tristonho :  
Depois, talvez... não vivirei sósinho.

1852.



V.

## A UM RETRATO DE ROUSSEAU.

Essa corôa magnifica  
Que te cinge a fronte augusta  
É esplendida — mas custa  
O seu pezo a sustentar.  
Como Christo, cruza o genio  
No viver arduos caminhos,  
E uma corôa de espinhos  
Vae no Golgotha alcançar.

Quantos passam por teu tumulto  
E te invejam o talento?  
Mas não sabem o tormento  
Que Deus ao pensar impoz.  
Pensam que a chamma volcanica  
Brilha só, e não estraga:  
Na idéa que o mundo afaga  
Não vêem d'um homem o algoz.

Quizeram ser o philosopho  
Que soube ler no futuro,  
Que da procella no escuro  
Sentiu o raio fulgir;  
Mas não sabem que martyrios  
Soffre a inspirada sibylla:  
Pensam que a mente é tranquilla  
Quando se sonda o porvir.

Teu olhar, como o da aguia  
Que só tem o sol por fito,  
Só mede o grande, o infinito,  
Vê o que a turba não vê.  
Mas a turba vê mil arvores,  
Vê os rios e campinas,  
Vê cascatas e boninas,  
E goza e canta — pois crê!

E a tua vida foi arida,  
Como o campo devastado,  
Onde o furacão irado  
Sua passagem marcou.  
Que se a tempestade férvida  
Agita e fecunda a gleba,  
Quando nos ares se eleva,  
Ai do arbusto que encontrou !

Não, não invejem 'a auréola  
Daquella fronte que pensa.  
Do porvir prepara a crença,  
Mas em nada póde crêr.  
Assim da mina recondita  
Ás tenebrosas paredes  
Não deu luz o ouro, que vêdes  
Como o sol resplandecer.

Novembro de 1854.



IV.

NOITES DE OUTOMNO.

He whistled as he went for  
want of thought.

(DRYDEN.)

I.

Donde vindes, brandas auras  
Que accendeu ha pouco o estío,  
Cujosopro o inverno frio  
Inda não arrefeceu?  
Donde vindes, baças nuvens  
Que passaes por sobre a lua,  
Qual a espuma que fluctua  
Sobre as rochas no escarceu?

De correr cessae um pouco,  
Brandas auras, doces brizas,  
Parae, fórmãs indecisas  
Que o espaço percorreis !  
Oh ! dizei-me donde vindes ?  
Vindes lá da minha terra,  
Que minha alma toda encerra —  
Para mim nada trazeis ?

Talvez, auras, perpassasseis  
Não ha muito uma janella,  
Onde minha amada bella  
Suspirava com paixão.  
E talvez comsigo diga  
Que é sósinha na saudade. . .  
Oh ! mal sabe que anciedade,  
Que tristezas cá não vão !

Talvez, nuvens, enlutasse  
Vossa sombra tenebrosa  
O astro puro que saudosa  
Ella estava a contemplar.  
E talvez crêsse aziago  
Vosso manto tam escuro,  
Vendo a luz do seu futuro  
Entre veus a pelejar.

Se é assim, volvei, ó brizas,  
A aspirar-lhe nos ouvidos,  
E dissei-lhe que gemidos  
De saudade são os meus.  
Ide, ó nuvens, para longe,  
E brilhante a lua diga  
Que um porvir ditoso abriga  
Nosso amor contra escarceus.

II.

La bella creatura bianco vestita.

DANTE.

É assim que tu és bella,  
Elevando o rosto mudo  
Sobre os montes, quando tudo  
É silencio sepulchral !  
Vens tam tarde, amiga lua !  
Vae a noite já em meio,  
E pareces ter receio  
De transpor co'a luz o val.

És qual virgem que amorosa  
Prometteu, menos modesta,  
Ao amante ir á floresta  
Para um beijo só lhe dar.  
Só um beijo... que tem isso?...  
Mas hesita, e não se apressa  
A cumprir sua promessa ;  
Vae calada e devagar.

Eu, tambem, ha já bem tempo  
Que ancioso te esperava,  
E as mil cores contemplava  
Porque o ceu passando vae,  
Té que a orla do horisonte  
Vem franjar tua luz viva,  
E que a sombra fugitiva  
Quasi toda emfim se esvae.

Mas é só por estas horas,  
Meiga lua, que eu te espero ;  
Entre as nuvens ver-te quero  
Pura e candida surgir ;  
Como antigo cavalleiro,  
N'uma gothica janella,  
Quereria a sua bella  
Entre os vidros ver sorrir.

Não te espero, quando, ó lua,  
Tu vens ver morrer o dia,  
Que inda os montes alumia  
A dourada luz do sol.  
Não; embora sobre as nuvens  
Teu argenteo disco passe,  
Não te quero ver a face  
Com as cores do arrebol.

Não; se á luz do dia juntas  
Tua luz, de ti não gosto:  
Julgo ver um puro rosto  
N'uma orgia festival.  
É assim que tu és bella,  
Elevando o rosto mudo  
Sobre os montes, quando tudo  
É silencio sepulchral.

1853.

III.

No paiz do grande Tasso,  
Do romantico Ariosto,  
Dizem vates que o desgosto  
Tem um rapido viver;

Que debaixo d'um sol bello  
Nunca seccam os verdores,  
E do sul meigos rumores  
Fazem magoas esquecer.

Eu não sei — mas quando vago  
Nas soidoens da minha terra,  
Quando tudo a noite encerra  
Do mysterio em castos veus ;  
Contemplando a azul esphera  
Vejo tantas, taes estrellas,  
Que não sei que possa havel-as  
Mais formosas n'outros ceus.

Não invejo então a patria  
De Petrarca, nem do Tasso,  
Que eu felizes horas passo  
Neste solo portuguez :  
A belleza que o Eterno  
Deu ás noites do meu clima,  
D'um Camoens o estro anima,  
E os affectos d'uma Ignez !

Vós, estrellas feiticeiras,  
Inspirastes taes amores.  
Pobre Ignez ! que dissabores  
Lhe custou o seu amar !

Mas vagando nestas noites  
Pelas margens do Mondego,  
Quem sentir pôde socego?  
Quem não ha-de suspirar?

Dize-o tu, infeliz bardo,  
Trovador enamorado,  
De saudades magoado  
Dize-o tu, ó Bernardim!  
Quantas vezes estes astros  
Te fallaram com meiguice,  
Que segredos te não disse  
Sua luz, brilhando assim!...

Que outros queiram, ó estrellas,  
Devassar o vosso brilho,  
Surpr'ender-vos nesse trilho  
Onde ha muito Deus vos poz :  
Eu não sei se de outros mundos  
Contemplaes a dor, e os gozos —  
Sei que é doce, astros formosos,  
Conversar convosco a sós.

IV.

Triste a alma — o peito anciado —  
A esperança quasi morta,  
Ai estrellas, que me importa  
Vosso mystico fulgor?  
Que me importa a luz da lua,  
Que é dos tristes triste amiga,  
Se a tristeza me fatiga,  
Se me causa tanta dor!...

Eu não amo a luz do dia,  
Porque a noite n'alma trago;  
Mas embalde ás noites vago,  
Ceus e terra a contemplar.  
Esta lua, estas estrellas,  
Essa bruma sobre os montes,  
Estes vastos horizontes  
Mais augmentam meu pezar.

Noites tristes! vós sois bellas  
Quando tem os olhos pranto —  
Mas os meus choraram tanto,  
Que não tem mais que chorar.

Eu busquei-vos, mas em tempos  
Em que a dor me dava gozos —  
Em que os dias venturosos  
É prazer o recordar.

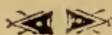
Eu busquei-vos, noites tristes,  
Porque só no vosso seio  
Se nutria o meu anseio,  
E mais livre era a afflicção —  
Tal o vento em dias bruscos  
Busca o pinheiral mais denso —  
E ao fragor do mar immenso  
Casa lugubre canção.

Eu amei-vos, como a vaga  
Os rochedos ama e cerca,  
Muito embora lá se perca  
Seu baldado, louco affan.  
No terror de vossos lutos,  
Para mim raiava o dia;  
Para a minha dor sombria  
O luar era a manham.

Hoje as noites, como os dias,  
Como tudo — são-me estranhas!  
Nem a lua nas montanhas,  
Como d'antes, já me apraz.

Eu não sei se ha refrigerio  
Para o ardor fatal que sinto —  
Mas não póde ser extinto  
Da saudade pela paz.

1856.



## VII.

### DEUS.

Fui-me sentar meditativo e triste  
No cimo da montanha magestosa ;  
Como se dezesasse est'alma anciosa  
Mais perto estar de Deus.

O sol no occaso illuminava ainda  
Os valles que a meus pés se assombreavam,  
E as nuvens que suspensas ondulavam  
No Oceano dos ceus.

Foi n'uma hora assim de mago encanto,  
Foi contemplando semelhantes scenas,  
Que o philosopho antigo viu Athenas  
A cicuta beber.

E o martyr da razão era mais bello  
De inspiração, saudando a eternidade ;  
O dia tem tambem mais magestade  
Á hora do morrer.

Resei: Salve, ó Eterno ! O dia expira,  
A rosa como o lyrio o viço perde ;  
De mil campinas se esvaece o verde,  
E até o azul do ceu :

Mas vem narrar os astros tua gloria !  
Em vão o sol ao occidente corre ;  
Mais brilha então teu nome que não morre,  
Das sombras entre o veu.

É que a téla dos ceus é mais augusta,  
Mais digna de teu nome ter escripto,  
Tendo estrellas em numero infinito  
Como é o teu poder ;

E o socego da noite é mais solemne  
Para os echos da musica celeste,  
Que tem o ramalhar de alto cypreste,  
O teu nome a dizer.

E ámanham romperá de novo a aurora;  
E, pintando de Deus a immensidade,  
O sol contemplará com magestade  
O mar, a terra, os ceus!

Falla nelle o trovão, e o sôpro da aura,  
O raio, e a luz tímida da serra,  
E os innumerables soes que o espaço encerra.  
Em tudo e sempre — Deus —



VIII.

LAMENTOS DE CAMOENS.

AO MEU AMIGO A. A. SOARES DE PASSOS.

Vinde afagar-me os ultimos momentos,  
    Doces recordaçoens do meu passado!  
Despertem vossos gozos e tormentos  
    A alma que dorme somno socegado.  
Assim despertam perfumados ventos  
    A flor que á noite adormeceu no prado,  
Antes que venha a aurora appetecida  
Que lhe traz, co'a luz nova, nova vida.

Quando o exilado chega á patria terra,  
Antes que pize a conhecida plaga,  
Olha esse mar com que luctou em guerra  
E cujo ruido ainda o embriaga :  
Minha alma já tambem o porto aferra  
Onde acharei enfim repouso e paga  
Ás fadigas do mar, que o meu esquife  
Rojou a mais d'um aspero recife.

Antes, languida vista de saudade  
Quero alongar por essa minha vida ;  
E será este o olhar extremo que ha-de  
Ao mundo dar a victima esquecida.  
Ninguem vem minorar minha anciedade —  
Tal solitaria flor, no ermo nascida,  
Onde as auras não vão, nem luz, nem nada,  
Morre, como viveu, abandonada.

Eu já morri ha muito! Quando o mundo  
Me negou illusoens que lhe eu pedia,  
Quando nos homens meditando a fundo,  
Cobriu meu coração nuvem sombria,  
A morte d'alma, o tedio mais profundo  
Eu senti d'um viver que offerecia  
Espinhosos abrolhos, cruas dores,  
Ao que nelle esperava colher flores.

Patria, amor, gloria! Simulacros santos,  
Incensos puros vos rendeu minh'alma!  
Hoje depois de desenganos tantos,  
Ao ver que só por vós não tive calma,  
Inda que falsos são vossos encantos,  
Que me negaste a promettida palma —  
Não vos sei maldizer — ainda agora  
Minh'alma enternecida vos adora!

Oh! como de esperanças me fizestes  
Pulsar outr'ora o coração no peito!  
Que doces gozos e emoçoens me destes  
Nesse viver de lagrimas só feito!  
E sois agora vós, visoenes celestes,  
Que me abarcaes o miserando leito!  
Já louros não trazeis, nem rosas lindas;  
Só saudades... embõra!... sois bem vindas!

Nathercia! era o seu nome! o nome della!  
Quando me esquecerá? lá sob a lousa?...  
Creio que não... lá mesmo, a essa voz bella,  
Ha-de tremer o corpo que repousa.  
Tu que foste na vida a minha estrella,  
Cujo amor nem a morte roubar ousa,  
Lá do ceu onde estás, donde eras filha,  
Do teu cantor sobre o sepulchro brilha!

Oh! que sublimes afeiçoens, que amores!  
Ninguem os teve como nós ainda.  
De quanta gloria havia eu quiz as flores,  
Para offertar-te dellas a mais linda.  
Soldado, dos combates nos fervores  
Por ti só aspirei a gloria infinda!  
Poeta, o melhor sonho que eu sonhava  
É que esta fronte tua mão laureava!

Nos campos de batalha, o leito duro  
De pedras só, tornava-se de flores...  
É que teu gesto me sorria puro  
Da noite nos balsamicos vapores.  
É que vinham os sonhos do futuro  
Afugentar do meu viver as dores,  
Que eram então quaes sombras fugidias  
Diante das matutinas harmonias!...

E morreu! porque ainda me esvoaça  
Na torva mente esta fatal lembrança?  
É a crença que no espirito me passa,  
De amor que alem da tumba inda se alcança.  
Pôde a morte roubar-lhe a vida escassa,  
Mas não pôde murchar minha esperança,  
Que deixarei quando deixar a vida...  
Quando no ceu em fim me for cumprida.

Patria! como eu te amava! Se ciumes  
Se póde ter de tudo quanto se ama,  
Podia-os ella ter! Ereis dois numes,  
Que em meu peito accendiam egual chamma  
Como as flores ás auras dão perfumes,  
E Deus aos astros dá a luz que inflamma.  
Assim o vosso amor me dava alentos,  
Nobres cantos, e altivos pensamentos.

Patria, muito te amei! Tuas memorias  
Minoravam-me as magoas do desterro...  
Foi lá que eu descantei tuas victorias,  
Foi lá que em prantos deplorei teu erro.  
Em quanto motejavam tuas glorias  
Almas de gêlo, corações de ferro,  
Eu cria-me feliz por ser teu filho,  
E quiz dos teus heroes seguir o trilho.

Mas ai! já perto vem a hora tremenda!  
Ai, pobre patria, morrerás em breve!  
O teu rei te perdeu querendo a senda  
Seguir dos reis que Portugal já teve.  
Alkacer-Kébir é a triste lenda  
Que sobre a tua campa a mão estreve  
Desses vís patricidas, que em escravos  
A linda terra tornarão de bravos.

Ao menos eu, nunca verei a terra  
Que tanto amei, curvar-se á tyrannia.  
Vem, somno eterno, e estes meus olhos cerra,  
Que a luz não vejam do funereo dia !  
Que eu não ouça em logar de voz de guerra,  
Som de algemas que aceita a cobardia...  
Deus me ouvirá e um só sudario ha-de  
Amortalhar Camoens e a liberdade !

Depois, que o meu cadaver pize embora  
De Portugal a raça renegada !  
Riam tyrannos ! minha extrema aurora  
Inda allumiará do livre a espada !  
Em breve a patria aonde se não chora  
Me sorrirá ao cabo desta estrada,  
Onde meus pés toparam só abrolhos,  
E só trevas pesaram em meus olhos.

Morreu tudo o que amára o pobre vate !  
Morreu Nathercia ; e a patria esmorecida  
Os seus filhos em vão, chama ao combate :  
Não lhe escutam a voz enfraquecida.  
Meu coração, tambem, se ainda bate,  
É porque já viveu risonha vida,  
E inda se nutre da vivaz memoria  
Que tem desse viver de amor e gloria

Gloria! nítida estrella que inquieta  
Fuluras feiticeira e luminosa,  
Nesse ceu que entrevê só o poeta  
Do seu viver na noite tormentosa,  
Eis-me tocando da existencia a meta,  
Sem ver ainda tua luz mimosa...  
Será preciso que esta vida cesse,  
Para que então o teu brilhar comece?

Sim! Quando a terra abandonar minh'alma,  
Á terra descerás, astro tam bello!  
Meu pó, que então desejará só calma,  
Virão teus resplendores aquecel-o.  
Só do poeta o amor não acha palma  
Na terra: é sonho, é não cumprido anhelos,  
Ha-de delle restar só quanto resta  
Da passagem das auras na floresta.

Patria! que é do teu sceptro de rainha  
Que impunhas ao antigo e novo mundo?  
Gloria! onde está a fé que em ti eu tinha?  
Amor! o que é teu ancian profundo?  
Aprove aos ceus assim! foi sorte minha  
Que tudo visse morto o moribundo!  
Que saudade posso eu levar da terra  
Que promette ventura, e dor encerra?

Mas se em troca da gloria deslumbrante  
Que a meu nome dará tardío fausto,  
Tu pódes, patria, ainda ser gigante,  
Tome-a o fado cruel em holocausto!  
Senão adoce teu final instante  
Veres tambem o meu alento exausto,  
Vê que inda portuguez desço ao jazigo;  
E alegre morro, por morrer contigo!

1851.



## IX.

### PENSAMENTOS D'OUTOMNO.

Vês, Angelica, essa folha  
Resistindo ao vendaval,  
Que já de outras folhas seccas  
Semeou todo esse val?

A coitada treme, hesita ;  
Mas emfim eil-a que cae,  
Desprendida do seu tronco  
Á mercê do vento vae.

Assim eu ao ver-te, Angelica,  
Hesitei, quiz resistir  
Ao poder de teus encantos,  
A teu magico sorrir.

Foi em vão — tu triumphaste,  
Teu captivo sou alfim...  
Mas o vento deixa a folha...  
Não me deixes tu a mim.



X.

NOITE E MAR.

(FRAGMENTO.)

A noite vae escura.  
O ceu sem uma estrella  
De nuvens mil se vela,  
E traja veus de horror.  
As vozes que desprende  
Dos ventos o alaúde,  
Casa seu canto rude  
O Oceano rugidor.

\*

A lua tenta ás vezes  
Romper seu veu sombrio,  
E um brilho fugidio  
Estende sobre o mar ;  
Mas seu fulgor apaga-o  
Rijo soprar do vento,  
Que faz com seu lamento  
Os astros recuar...

.....

O mar assim á noite,  
Que o horror á luz disputa  
Casando estranha luta  
Do espaço na amplidão,  
É como a vida. Triste  
É caprichosa presa  
Do gozo, da tristeza,  
Do prazer, da afflicção.

Como nos veus da noite,  
Como do mar no imperio  
Ha um fatal mysterio  
Na alma do trovador.

Quem poz nos prados flores,  
E crenças na innocencia,  
Do bardo na existencia  
Só quiz que houvesse a dor.

.....

De crenças anhelantes  
Pedi á vida flores ;  
Pedi castos amores  
Ao virginal pudor ;  
De terreo gozo a sede  
Em vão quiz extinguil-a  
N'uma affeição tranquilla,  
N'um infinito amor.

Mas quem responde aos gritos  
Do nauta desgraçado ?  
Só da procella o brado,  
Do mar, a solidão.  
Assim aos meus anhelos  
Só respondeu do mundo  
O ruido ouco e profundo,  
Que gela o coração.

XI.

ELEGIA.

CANTO DO SUICIDA.

My native land — good night.

LORD BYRON.

Vida, adeus! Teu escravo dentro em pouco  
Livre será. Já perto vem seu fim.  
Mundo, recebe o adeus do pobre louco  
Que ás vezes perturbava teu festim.  
Vós que viver podeis, sede ditosos!  
Eu, triste, sacrificio n'outro altar.  
Com ardor disputae da vida os gozos,  
Mas deixae-me na morte repousar.

Ficac, que vosso esplendido banquete  
Por lustre tem o resplendor do sol ;  
Tem a alfombra da terra por tapete ;  
E por docel, das nuvens o arrebol.  
Eu não posso gozar esses encantos !  
Adeus, ó terra e ceu ! e tu, ó mar,  
Inda uma vez repete-me teus cantos,  
Qual mãe que faz o filho repousar.

Não, não é para mim que a terra veste  
Dos valles e montanhas o tapiz.  
Bem te vejo brilhar, ó luz celeste,  
Mas não é para mim que tu sorris.  
Embora, ó sol, o mundo te bemdiga,  
Chama-me a campa, é lá o meu lugar.  
O esplendor de teus raios me fatiga :  
Cansado estou — preciso repousar.

A morte me revela seu segredo ;  
Diz-me — na campa inquietação não ha.  
Vaguei do cemiterio no arvoredos ;  
Ninguem fallou — tudo dormia lá.  
Vi o cedro — e o chorão que o solo beija  
Co'os sepulchros baixinho a conversar.  
Ai ! quando alli a viração adeja,  
Como deve ser grato o repousar !

Eu não odeio os homens, não. São elles  
Que o seio me recusam sem ter dó.  
És tu, ó vida, és tu que me repelles,  
Qual planta inutil me votaste ao pó.  
É sem saudades que este mundo deixo ;  
Mas não sou eu que o hei-de amaldiçoar,  
De minha sorte nem sequer me queixo...  
Que valêra ? Se alfim vou repousar.

Adeus, adeus, recordaçõens da infancia !  
E vós, tambem, ó sonhos do porvir ! —  
Que vale a dita ver sempre a distancia,  
Se o presente não tem nunca um sorrir ?  
Esperança, luzeiro mentiroso,  
Não mais virás minh'alma embriagar,  
Que no seio da morte não ha gozo,  
Mas não tem sonhos maus seu repousar.

Dá-me do ceu, ó mãe, a tua bençãam !  
Vae-se encontrar co'a morte o filho teu.  
Em torno a mim as trevas se condensam ;  
O sol tibio de mim já se escondeu.  
Mas a lua lá vem — tremulo cyrio,  
Quero ver-te na morte inda brilhar  
Tu me adoçaste já mais d'um martyrio,  
Vem, ó lua, pois quero repousar.

Tu pareces, ó astro vagabundo,  
Tambem viver sem intenção — sem fim.  
Foi talvez tua patria um bello mundo,  
E de lá te expelliram, como a mim.  
Amanham haverá menos um triste  
Que tua luz precise consolar:  
Mas não te esqueças do que ainda existe  
Occulto sob a terra a repousar.



## XII.

### NÃO FUJAS.

Não me fujas, que o anjo de outros dias  
Perdeu sua pureza — hoje é mulher.  
O escravo que a teus pés submisso vias,  
É homem — do passado nada quer.

Talvez tu sejas mais formosa agora,  
Mas eu é que perdi a intelligencia  
Do teu olhar que o meu buscava outr'ora,  
E hoje o evita co'a mesma impaciencia.

Porque foges? receias que o passado  
Vingativo e cruel surja entre nós?  
Teu protesto c'um beijo consagrado  
Ninguem t'o ouviu — estávamos a sós.

Já fui louco — passei bem tristes dias  
Querendo-te inda ver como antes pura...  
Mas para que lembrar taes agonias,  
E essas noites de insomnia, e de amargura?

Não, hoje não te culpo — nada temas.  
O tempo só minha illusão findou.  
Já saudades não tenho das algemas  
Que á terra me prendiam — livre sou.

Porque foges? Não vês que teus encantos,  
Para mim perigosos já não são?  
Lembram-me só esses enlevos santos  
Que já sentiu meu pobre coração.

Podes passar por mim — não me constranjo.  
Se inda ao olhar-te, sinto algum pezar —  
É que te cri tam pouco tempo um anjo,  
Ai! foi tam passageiro meu sonhar!

Mas é certo — acordei — quebrou-se o encanto.  
Já não posso illudir-me — nunca mais !  
O anjo celeste que eu amava tanto —  
Cahiu na terra, e vaga entre mortaes.

Não, não fujas de mim — qual sombra estranha  
Não me dás dor nem gozo ao coração :  
Sou qual urze insensivel da montanha  
Que não sabe se passa a viração.

1856.

### XIII.

#### QUADRAS

RECITADAS NO CONCERTO DO VIOLINISTA  
F. DE SA' NORONHA.

É bello ouvir a musica selvagem  
Das ermas praias, e escutar o Oceano,  
Quando o vento, na rapida passagem,  
Se une das ondas ao folguedo insano.

É grato ouvir esses gemidos vagos  
Que solta o pinheiral — triste harmonia  
Qual gemerá a terra em seus estragos,  
Quando soar seu derradeiro dia.

São fagueiras de ouvir-se as cantilenas  
Do rouxinol, que vem da primavera  
Cantar as noites bellas e serenas,  
Mais bellas co'essa voz que amores gera.

É doce, quando o dia já descora,  
Ouvir soar nos valles a cantiga  
Tam ingenua e saudosa da pastora  
Que anima as solidosens co'a voz amiga.

Mas tu, digno rival da natureza,  
Mais que ella nos transportas, nos admiras,  
Quer traduzas dos ventos a fereza,  
Quer imites o som do mar em iras.

Às vezes, ao ouvir teu instrumento,  
Lembranças vem que pareciam mortas :  
Acorda-as o teu magico talento,  
Que nossas almas sempre deixa absortas.

Dizem que ha n'outro mundo uma harmonia,  
De que é vago reflexo esta da terra —  
Vozes e harpas sem fim cantam um dia  
Que no seu seio a eternidade encerra.

Dize-nos se foi lá que as aprendeste,  
As notas com que os homens embriagas ;  
Se faltam sons á musica celeste,  
Em quanto neste mundo tu divagas.

1855.



## XIV.

### AO PENEDO DA SAUDADE.

(EM COIMBRA.)

Scismar sósinho ás noites, e percorrer co'a vista  
Os valles solitarios, é um enlevo santo ;  
É dor que nos afaga — prazer que nos contrista,  
Magoa que prende a alma com feiticeiro encanto.

Penedo da Saudade! Quem te daria o nome?  
Quem foi soube de certo que divinal mysterio  
Ha neste ermo profundo, que alem - alem se some  
Quando a erradia lua cruza o espaço ethereo,

Quem te daria o nome? Foi infeliz amante  
Que timida aqui vinha lembrar sua ventura,  
E a flor de seus amores, outr'ora inebriantes,  
Humedecer com prantos de placida amargura?

Quem te daria o nome? Foi misero poeta,  
Que após ardente insomnia vinha colher o afago  
Das noites perfumadas, que dão á mente inquieta  
D'uma passada vida não sei que lembrar vago?

Mas quem terá olhado para estes tristes valles,  
Sem se lembrar de tempos em que foi mais ditoso?  
Quem tam feliz ha sido, que não lembre aqui males?  
Quem ha que dizer possa «só hei sentido o gozo?»

Eu por mim não ; e em quanto no mundo a dor exista,  
Em quanto a vida tenha prazeres e amargura,  
Dos valles melancolicos amarei a vista,  
Vista que eleva a alma, e o sentimento apura.

Amo essa cor incerta dos afastados montes,  
Que lembram os paizes que a gente vê em sonhos;  
Dos ermos amo as vozes—os vastos horisontes—  
As nuvens mil que o espaço cobrem de veus tristonhos.

1854.

XV.

NÃO TE ESQUEÇAS.

Não, não te esqueças daquelles dias  
Que amor tão puro veio dourar.  
São passageiras as alegrias,  
Mas a memoria fal-as durar.  
De maior dita se já são findas  
As esperanças,  
Sejaes ao menos sempre bem vindas,  
Gratas lembranças !

Bem sei que dessa felicidade  
Que em lindos sonhos sonhada foi,  
Existir póde só a saudade,  
Que afaga ás vezes, e ás vezes doe.  
Mas se consentes que inda te peça  
Final favor,  
É que tua alma nunca se esqueça  
Do nosso amor.

Seria crime, querida amiga,  
Ter esperado melhor porvir?  
Taes dias queres que eu os maldiga?  
Hei-de-os da mente longe expellir?  
Não! nosso affecto nunca em minh'alma  
Ha-de pezar;  
Sentirei sempre serena calma  
Quando o lembrar.

Longinquas terras, climas remotos  
Embora o fado me faça ver;  
Até á morte serão meus votos,  
Que haja só flores em teu viver.  
Hei-de no ermo gemer profundo  
Da viuvez,  
E amar o mundo só porque o mundo  
Feliz te fez!

Vê como fulgem milhoens de estrellas :  
Do ceu é triste, mas bella a cor —  
Assim outr'ora mil visoens bellas  
Sorriam d'antes no nosso amor.

Lá surge a lua — já o ceu menos  
Astros contem —  
Mas puros raios, e mais serenos,  
Da lua vem.

A linda face te banha o pranto,  
Mas é sereno como o luar —  
De nossos sonhos findou o encanto ;  
Mas seu reflexo porque apagar?...  
Se é impossivel felicidade  
Mais bella ter —  
As nossas almas inda a amizade  
Póde prender.

1854.

XVI.

HYMNO DA MANHAM.

A manham! a manham! eil-a que surge,  
C'o rosto acceso em vívido rubor;  
Como innocente virgem escutando  
Pela primeira vez fallas de amor.

A criação que dormitava acorda,  
E um hymno eleva de alegria ao ceu.  
Como a dor d'alma ante a esperança morre,  
Ante a luz rasga-se o nocturno veu.

A manham ! a manham ! filha do oriente,  
Às campinas do oeste vem trazer  
Da patria a luz, encantos e perfumes,  
Que fazem flores e auras rescender.

O ceu de novo seu azul ostenta —  
A terra mostra seus rivaes verdores ;  
Que da manham o feiticeiro sopro  
Apaga estrellas — resuscita flores.

A cotovia esperta ao ar se eleva —  
E sobe, e sobe até que veja o sol,  
Antes que elle á montanha doure o viso —  
Antes que as nuvens tomem o arrebol.

E a ave canta — é que já viu a face  
Ao astro rei, e lhe festeja a vinda,  
Em quanto expira a derradeira estrella  
Que junto aos mares fulgurava ainda.

Surge, mostra-te a nós — astro dos astros,  
Que a ave o teu fulgor quer ver na selva  
Em teu seio te quer o mar undoso ;  
As flores te desejam entre a relva !

Fugi de todo, nebulosas sombras,  
Que a criação tyrannizaes crueis!  
Vem, astro bello, libertar a terra  
Que te prepara triumphaes laureis!

Mas eil-o que se eleva, e o aureo disco  
Lá pousa todo em fim sobre a collina.  
No ceu, de cor de rosa tinge as nuvens;  
Na terra, montes, rios illumina.

Salve, astro rei, que magestoso surges,  
Envolto em nuvens de dourado pó!  
A lua á noite com estrellas brilha,  
Mas tu fulgindo na amplidão és só,

1851.

## XVII.

### OUTOMNO.

Que tristeza tão sombria  
Tem as tardes autumnas !  
Com que lugubre harmonia,  
Rios, ventos, suspiras !  
Do azul ceu a cor divina  
Tolda alvacenta cortina  
Donde vem coada a luz.  
Crê-se a terra um santuario,  
E o sol triste lampadario  
Que através d'um veu reluz.

Ai, outomno, tu convidas  
Nossas almas á tristeza.  
Que melodias sentidas  
Arrancas da natureza !  
A natureza — alaúde  
Donde tira o inverno rude  
Rudes sons, de extasiar.  
Meiga canta a primavera ;  
Desejos o estio gera ;  
Tu porém, fazes scismar.

Fazes scismar com teus ventos  
De sentido modular,  
Que soltam tristes lamentos,  
Divagando pelo ar ;  
Que melancolicos fallam  
Entre as arvores que embalam  
Com caprichoso mover ;  
Até que o chão todo alastram  
De mil folhas que se arrastam  
Tristes — da cor do morrer.

Fazes scismar. Agoureiro  
Coração, entregue á dor,  
Diz que tambem, traiçoeiro,  
Como o vento, é o amor.  
Se o vento n'arvor'suspira,

O amor no peito delira,  
Promette gozos do ceu.  
Se depois a arvore perde  
Tanta folha d'antes verde,  
Perde a alma quanto creu.



Que é feito da verdura  
Que a linda primavera  
Deixou por esses campos,  
Sorrindo a um bello sol?  
Já não se escuta a ave  
Que a luz nascente espera,  
Nem se ouve ao fim da tarde.  
Cantar o rouxinol.

Aonde estão as flores  
Que airozas se miravam  
Nas gotas de rocio,  
Que a aurora á relva deu?  
Em galas, esses dias  
Co'as noites porfiavam —  
Se a terra tinha flores,  
Estrellas tinha o ceu.

Vês, Angela, esse lago  
Que dorme socegado?  
Ha pouco retratava  
Do sol vivo fulgor :  
E o sol nem já deslumbra  
O olhar ao ceu mandado,  
E o lago só espelha  
Das nuvens o pallor.

Que é feito da verdura?  
Olha no chão as folhas.  
Aonde estão as flores?  
O sol as desbotou.  
E o sol onde fulgura?  
Em vão para o ceu olhas :  
Só vês escuro manto  
Que a luz nos offuscou.



Mas porque ter taes lembranças  
Nesta idade, em que esperanças  
Nutre o peito com ardor?  
Perca embora a natureza  
Todo o limpido verdor ;

Nem se escute na deveza  
O trinar do rei cantor ;  
Nem ao longo das campinas  
Brilhem gotas cristalinas,  
Nem viceje uma só flor.

Que me importa, se na terra  
Ha um ente onde se encerra  
Tudo quanto falta ahi,  
De belleza e harmonias  
Quaes na primavera vi ?  
Tenha o ceu nuvens sombrias,  
Outro ceu, n'uns olhos, ri.  
Se é murcha toda a campina,  
Eu sei d'uma flor divina  
Que em todo o tempo florí.

E oh ! em quanto que em sua alma  
Para mim tal flor florir  
Como solitaria palma  
Ao viandante a sorrir,  
Em vão queimores do estio,

Em vão do outomno sombrio  
Melancolias virão :  
Té do inverno a estação fera  
Achará a primavera  
Risonha em meu coração.

1851.



XVIII.

NO ALBUM D'UMA SENHORA.

Adora, ó virgem, essa luz celeste  
Que nas azas da fé á terra veio ;  
Que tu, ó Deus, o amor á terra deste  
Para que ao homem enlevado atteste  
Como dos anjos é suave o enleio.

Infeliz de quem nunca teve sonhos  
Animados por essa luz divina !  
Seus dias são inuteis e tristonhos,  
Quaes fantasmas que o infante vê medonhos  
Cumprindo neste mundo ignota sina.

Ama e sonha — que os sonhos amórosos  
São doces como o rir da madrugada —  
E da paixão os elevados gozos,  
São bellos como os raios tam pomposos  
Que verte o sol do mar na infinda estrada.

E quando já se apague no horizonte  
Esse fogo — do amor exausto o vaso —  
Nunca a tristeza te anuvie a fronte :  
Que a amizade no teu viver desponte,  
E nunca vejas esse sol no occaso.

## XIX.

### N'UM ALBUM.

Quem passar pelos campos da vida,  
Tem de achar já espinhos, já flores :  
E os espinhos lhe dão breves dores,  
Breves gozos as flores lhe dão.

Viandante, este val te convida  
A colher uma rosa em botão.  
Por agora sacia teus olhos ;  
Mais além toparás só abrolhos,  
Hirtas silvas em aspero chão.

E se tudo na terra assim passa,  
Emoçoens recordar de que serve?  
Quanto tem a ventura, a desgraça,  
Vale a pena de que se conserve?  
Que no peito saudoso se afague,  
E só tarde, bem tarde se apague?

Mas no campo uma flor ha singella  
Cujo viço não póde murchar,  
É no brilho, na cor, menos bella  
Do que a rosa — mas pode-se amar :  
Que a perpetua tem vida bastante,  
E no viço — na cor, é constante.

Um affecto tambem ha na vida  
Que aos insultos do olvido sorri.  
Amizade, amizade querida !  
Quantos gozos, ó anjo, ha em ti ?  
Desses sim, desses sim, vale a pena  
A lembrança guardar doce e amena.

XX.

DESESPERAÇÃO.

I.

Que! não posso eu soltar um brado ao menos  
De amargura cruel?  
Ha-de fazer ouvir cantos serenos  
Alma eivada de fel?  
Eu só quizera que tivesses, lyra,  
Notas de paz e amor...

Bem sei que toda a criação suspira  
Que é louca a humana dor...  
Bem vejo a terra que a esperança aponta  
Em seu verde tapiz.  
De dia o sol, e á noite astros sem conta  
Me dizem : « sê feliz » !  
A duvida, bem sei, o élo desata  
Que os homens prende á luz ;  
Mas se o infortunio minhas crenças mata,  
E ás trevas me conduz ;  
Se o meu ser inquieto se aniquila  
Das paixoens no tropel,  
Hei-de fazer ouvir canção tranquilla  
Cheia a alma de fel ?

II.

Não, não posso cantar ventura e amores  
No meio do soffrer.  
Cante ditas quem acha amenas flores  
Nos jardins do viver.  
Que digam outros co'o sorrir nos labios  
« A vida é só gozar » :  
Eu vivo e soffro, e o meditar dos sabios  
Não me póde alegrar.

Eu vivo e soffro. Quando a luz se junta  
Da noite á pallidez,  
Magoada minh'alma ao sol pergunta  
Porque vens outra vez?  
Porque outra vez, ó sol, meu ser desperta  
Tua importuna luz,  
Se a tua face, de fulgor coberta,  
Nenhum prazer conduz?  
A vida, ó sol, é como tu — no centro  
Escuridão e horror —  
Tu brilhas — tu aqueces — mas lá dentro  
Nem tens luz nem calor.  
Ai do que um dia te sondar o nada,  
Illusão infernal  
Que chamam vida — selva perfumada  
Que tem dentro o chacal!  
Outros encontrarão amenas flores  
Nos jardins do viver —  
Eu não posso cantar ventura e amores  
No meio do soffrer.

III.

Oh! quem me dera um escondido leito  
Onde não fosse o sol

Nem aquecer-me o congelado peito,  
Nem mostrar-me o arrebol!  
E que a terra guardasse seus mil prados  
E os prados seu matiz ;  
Guardasse o empyreo os mantos estrellados  
Para quem é feliz ;  
Para a alma que em paz vive tranquilla  
Cantando amor e Deus,  
Ou para o coração que não vacilla,  
Lendo o livro dos ceus  
Mas eu quantas mil vezes interrogo  
O ceu e a terra em vão !  
Porque penso eu, meu Deus, porque este fogo  
Sinto no coração ?  
Tu que espalhaste nas regiões celestes  
Estrellas mil e mil,  
E á terra deste as variegadas vestes  
D'uma noiva gentil,  
Porque me deste a mim a sina horrenda  
De sempre em vão sonhar  
Não sei que amor, que do viver na senda  
Jámais posso encontrar?  
Mas quem me escuta a dor e a impaciencia  
Que dentro de mim ha ?  
Aos vãos do coração — da intelligencia,  
O mundo risos dá.

Sempre sempre é baldada esta anciedade,  
Qual do naufrago a voz  
A quem responde só da tempestade  
O rugido feroz.  
Mas não — a minha sorte é mais amarga  
Do que a desse infeliz :  
A esse ainda o mar franco lhe alarga  
O seio de rubis ;  
E elle lá pouza a fatigada fronte,  
E o importuno sol  
Já mostrar-lhe não póde no horisonte  
As cores do arrebol.



XXI.

Á GRECIA.

EM 1853.

Grecia, Grecia! eu sonho ou vélo?  
Não foi já no teu paiz  
Que floriu o arbusto bello  
Da liberdade feliz?  
Não eras tu quem outr'ora  
Mostravas ao mundo a aurora  
D'um gigantesco porvir?  
Não iam d'antes teus brados  
Mil povos escravizados  
Despertar do seu dormir?

Da tyrannia o Oceano  
Para ti rugia em vão :  
Tu, rochedo soberano,  
Te erguias só na amplidão.  
Se eras um dia captivo,  
Lá te erguias povo altivo.  
Só livre podias ser !  
Aos tyrannos juram odio  
Aristógiton e Harmodio —  
E os despotas vão morrer.

Debalde nações remotas  
Te querem o jugo impor ;  
Á vista de suas frotas  
Não afrouxa teu valor.  
Derrotada em Marathona  
A barbaria abandona  
O teu livre e bello ceu !  
Salamina ! immortal nome !  
O despotismo se some  
Nas vagas do mar Egeu !

E é bello ainda o teu clima,  
E seu vívido calor  
Parece que inda hoje anima  
Dos Gregos d'outr'ora o ardor .  
Murmura a Ylisso quieto,

E a abelha, ao menos, no Hymetto  
É livre no seu voar.  
Inda o Olympo é grandioso,  
E em seu cume magestoso  
Parecem deuses morar.

Vós, montanhas elevadas,  
Dignos monumentos sois  
De tantas glorias passadas,  
De tantos mortos heroes.  
O sol quando se despenha  
No mar, triste adeus desenha  
Nas cumiadas que amou :  
É que então traz á memoria  
Essa luz d'immensa gloria,  
Que tuas plagas deixou.

Quem, quem é que hoje te piza,  
Solo sagrado e gentil,  
Onde a perfumada briza  
Beija as campas de heroes mil ?  
Raça de servos, embora  
Por esses bravos d'outr'ora  
Não saibas amor sentir ;  
Mas ao menos não receias  
Que o som das tuas cadeias  
Não deixe os mortos dormir ?

Se inda soltára um harpejo  
De Homero a lyra immortal,  
Como corára de pejo  
A sua terra natal!  
Tu que soffreste um exilio  
De dez annos, só por Ilio  
Te roubar uma mulher,  
Vês a liberdade exangue,  
E não vais todo o teu sangue  
Á nova Helena offer'cer?

Mas que vejo? o mundo pasma!  
A Grecia alfim acordou.  
Que Tyrteu a enthusiasma?  
Homero a lousa quebrou?  
Salve, ó povo, que despertas!  
Das sepulturas abertas  
Mil heroes lirios te dão.  
Byron é seu enviado:  
Missolonghi, gasalhado  
Dá-lhe ao grande coração!

Mas em vão n'aquelle dia  
Parecia resurgir  
Um povo que a tyrannia  
Se acostumára a opprimir  
Canaris! novo Trasibulo!

Eis tua patria prostibulo  
Dos despotas outra vez.  
Canta, ó lyra, a antiga Grecia,  
Mas deplora a de hoje — esquece-a  
Se em liberdade inda crês.



XXII.

Á HESPANHA.

Hespanha! és nossa irmam — Em vão a sorte  
Te quiz tão longe separar de nós,  
Como da vida se separa a morte —  
Ousa chamar-te «amiga» a minha voz.  
Foi prodiga comnosco a natureza,  
Mas bem póde tambem tua belleza  
Ser da nossa rival.  
Eu amo o solo que meu berço encerra;  
Mas quem póde odiar-te, ó linda terra,  
Amando Portugal?

Agoas serenas do formoso Tejo,  
Não banhaes vós o iberico paiz?  
Dos homens separou-vos o desejo,  
Mas parece que Deus unir-vos quiz.  
E tu, ó Douro, que entre rochas feras  
Pareces repetir de antigas eras  
Sempiternas cançoens,  
Ainda ignota fada em ti dedilha  
A doce lyra do suave Ercilla,  
E a tuba de Camoens.

Paiz de fadas! sonhos romanescos  
Inda podes aos bardos inspirar  
Nos serros da Nevada gigantescos  
Inda parecem mouras vaguear ;  
Alva é a fronte da montanha bella  
Que, namorada, o nome tem da Estrella  
A quem ama talvez ;  
Mas não menos gentil és, ó Morena,  
Quando, do Estio por manham serena,  
Te cresta o sol a tez.

Rosa fugida dos jardins do oriente,  
Denunciou-te a brisa, ó flor gentil,  
E lá se ergueu por ti todo o crescente,  
Vieram-te buscar turbantes mil.  
Mas é em vão que o sangue te borriça,

Em vão te pede risos o califa :

Obteve só desdem.

Que tú virgem christam trahiste o mouro,

Não pôde embriagar-te a mirra, o ouro,

Todo o luxo do harem.

Pelaio ! ousado foi teu pensamento !

Em vão passou o arabe por ti :

Rochedo que sostem o mar violento

Ao invasor disseste « pára ahí ! »

Heroe, escarneceste-lhe das furias ;

Christão, nos broncos serros das Asturias

Foste plantar a cruz.

Alli era de Deus throno solemne

O calvo monte ; lampada perenne,

O sol lhe dava luz.

Patria do Cid ! homericas batalhas

Se pelejaram pelos valles teus.

Cada braça de terra que mortalha

Não deu aos offensores do teu Deus !

Tu converteste em cathedraes bemditas

Os palacios profanos e as mesquitas

De enorme vastidão.

Voluptuaria Alhambra, que te resta ?

Soledade, que triste ao mundo attesta

Ter vencido o christão.

Vencera, e mal ainda de seu seio  
Expulso havia os ultimos infieis,  
A Europa desprezando, sem receio  
Impoz a ignotos mundos suas leis !  
E já então a hispanica bandeira  
Da nossa, sobre os mares altaneira,  
Era uma digna irmam.

O Oceano sondando em curto vaso,  
Seguiu Colombo o sol té seu occaso,  
E viu Vasco a manbam.

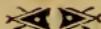
Rival nossa na gloria e na bravura  
Que te fez desprezar faceis brazoens,  
E hoje, o que é mais, rival na desventura,  
Bem póde um portuguez dar-te cançoens.  
Embora elevem hoje altiva fronte  
Povos a quem nós démos o horisonte,  
Eu canto a Hespanha só !

A Hespanha que a lutar co'a adversidade,  
Inda vos dá liçoens de liberdade,  
Naçoens vindas do pó.

Zombae, zombae do reino heroico, antigo,  
Porque repousa do lidar de então :  
Da Europa o inexoravel inimigo  
Lá sentiu fraquear o coração.  
Olhae, altivos povos, Saragoça

Como das Gallias o poder destroça,  
Ainda que infeliz.

Olhae! este pendão que treme fraco  
Já em Fuentes de Honor, já no Buçaco.  
Venceu em Austerliz!



## XXIII.

### A ANGELA.

In the desert a fountain is springing,  
In the wide waste there still is a tree,  
And a bird in the solitude singing  
Which speaks to my spirit of thee.

LORD BYRON.

Embora esta alma desespere ás vezes,  
Os tristes echos a escutar da dor,  
Porque o passado, com fataes revezes,  
Me fez perder as illusoens do amor :  
Revivo ! Chama-me outra vez á vida  
Uma esperanza, qual jámais nutri ;  
Minha alma as penas do passado olvida,  
Desde que, ó anjo, te encontrei a ti.

Quando no mundo procurei anciado  
Um coração que respondesse ao meu,  
Por mais d'uns olhos eu quiz ser olhado,  
E em mais d'uns labios me sorria o ceu.

Ninguem o triste com paixão amara —  
De affectos puros só desdem colhi —  
Mas o amor puro, qual o eu sonhara,  
Mas o amor de anjo, só achei em ti.

Da gloria o sonho me embalou o berço —  
Mas desse sonho despertei tambem ;  
Viver contigo na ventura immerso —  
A mente agora outro aspirar não tem.

Infindo sonho mais feliz, mais bello !  
Desses que outr'ora no futuro li !  
Por elle vivo, e morrerei no anhelos  
De lá no ceu o realizar em ti.

Se não está meu coração já gasto  
Da dor passada — do cruel soffrer,  
Se sentir póde d'um affecto casto  
Ainda enlevos, emoçoens, prazer ;  
Será só teu esse sentir tão forte,  
Esse crer puro, como infante cri ;  
E quando a mim já se encostar a morte,  
Achará inda pulsaçoens por ti.

Se o alaúde que um viver pranteia  
Ha tanto tempo sem amor, sem fé,  
Esquecer póde do passado a idea,  
Triste fantasma que minha alma vê ;  
    Como são teus os sentimentos santos,  
    Que tenho, ó anjo, desde que te vi,  
    Assim da lyra os amorosos cantos  
    Serão só teus, pois nascerão de ti.

Porém que importa fosse eu já descrente,  
Porque esse mundo me trahiou fallaz ?  
Desses teus olhos o fallar não mente,  
O teu sorrir quietação me traz ;  
    Bem como os campos só resentem vida,  
    Se a rosea aurora no horisonte ri ;  
    A minha sorte está á tua unida,  
    Nem sei que seja o existir sem ti.

Final 'sperança que em meu peito mora,  
Os echos tristes fez calar da dor.  
Do novo dia já raiou a aurora,  
Já a luz se expande que respira amor.  
    Inda uma fonte no deserto brota,  
    Inda uma palma no areal sorri,  
    Inda uma ave, em solidão remota,  
    Me faz cantando meditar em ti.  
Fevereiro de 1851.

## XXIV.

### L'INQUIÉTUDE.

Sais-tu pourquoi cet inquiet tourment  
De mon bonheur empoisonne l'ivresse ?  
Sais-tu pourquoi, dans le plus doux moment,  
Mon œil distrait se voile de tristesse ?

XXIV.

DESASSOCEGO.

TRADUCÇÃO DE MILLEVOYE.

Não sabes querida que vagos tormentos  
Enlutam ás vezes a minha ventura?  
Não sabes porque nos mais doces momentos  
Se cobrem meus olhos co'um veu d'amargura?...

Pourquoi souvent à ta main qui la presse  
Ma froide main répond négligemment ?  
Le sais-tu ? Non. Connais donc ma faiblesse.  
Ris, tu le peux, de mes travers nouveaux :

Je suis jaloux, et jaloux sans rivaux !  
Quand le présent m'enivre de délices,  
Dans le passé je cherche des supplices.  
Ton coeur — réponds sans nul déguisement —

N'a-t-il battu que pour moi seulement ?  
Durant les nuits, à l'heure où tout sommeille,  
Jamais — dis-moi — les traits d'un autre amant  
N'ont-ils troublé tes songes ni ta veille ?

Le regard fixe et le sein oppressé,  
Te rappelant une image trop chère,  
N'as-tu jamais, le soir, près de ta mère,  
Laisse tomber le travail commencé ?

Tu me dis « j'aime » et d'une voix si tendre !  
Ce mot charmant pour moi seul l'as-tu dit ?  
Que sais-je ? Un autre avant moi l'entendit  
Peut-être ! ... Eh bien ! je ne puis plus l'entendre.

Porque é que eu ás vezes tam frio te aperto  
A mão delicada de branco marfim?  
Não sabes? pois has-de-o saber, vou dizer-t'o,  
Embora, sorrias e zombes de mim.

Eu sinto no peito ciumes penosos,  
E sei que não tenho rivaes a temer!  
Se bello o presente me offerta só gozos.  
Lá vou no passado buscar desprazer.

Responde-me : sempre teu peito constante  
De amor, como agora, por mim palpitou?  
A sombra não viste jámais de outro amante  
Que tuas vigalias ou sonhos turvou?

Jámais com o olhar fixo, e oppresso teu seio,  
Sentindo uma imagem querida surgir,  
Á noite scismaste, e no teu devaneio  
Dás mãos o bordado deixaste cahir?

Tu dizes-me «eu te amo» palavra bem doce!  
Mas só eu ainda no mundo t'a ouvi?  
Talvez que escutada por outrem já fosse...  
Por isso me custa a ouvil-a de ti.

Pardonne, hélas ! dans mon trouble fatal,  
Je te parais injuste, ingrat, mais j'aime !  
Ah ! songe bien que, pour l'amour extrême,  
Un souvenir est encore un rival.



Pareço-te injusto — mas sou amoroso...  
Perdoa meu triste delirio fatal!  
Mas olha, quem ama, como eu, extremoso,  
Té n'uma lembrança vae dar co'um rival.

1850.



XXV.

FRAGMENTO DO POEMA DE BYRON

« THE CORSAIR. »

« O'er the glad waters of the dark blue sea,  
Our thoughts as boundless, and our souls as free,  
Far as the breeze can bear, the billows foam,  
Survey our empire, and behold our home !  
These are our realms — no limits to their sway —  
Our flag the sceptre all who meet obey.

XXV.

CANÇÃO DE PIRATAS.

Sobre as ondas azues do mar inquieto  
Sem fim como o pensar, livre como a alma,  
Contemplae nossa patria! Só a corre  
Da brisa o sopro, ou o espumar das vagas!  
Estes são nossos reinos — nossos subditos  
Todos os que a bandeira nossa encontram,

Ours the wild life in tumult still to range  
From toil to rest, and joy in every change.  
Oh, who can tell? not thou, luxurious slave!  
Whose soul would sicken o'er the heaving wave;  
Not thou, vain lord of wantonness and ease!  
Whom slumber soothes not — pleasure cannot please —  
Oh, who can tell, save he whose heart hath tried,  
And danced in triumph o'er the waters wide,  
The exulting sense, the pulse's maddening play,  
That thrills the wanderer of that trackless way?  
That for itself can woo the approaching fight,  
And turn what some deem danger to delight;  
That seeks what cravens shun with more than zeal,  
And where the feebler faint, can only feel —  
Feel — to the rising bosom's inmost core,  
Its hope awaken and its spirit soar?  
No dread of death — if with us die our foes —  
Save that it seems even duller than repose:  
Come when it will — we snatch the life of life —  
When lost — what reck's it — by disease or strife?  
Let him who crawls enamour'd of decay  
Cling to his couch, and sicken years away;  
Heave his thick breath and shake his palsied head:  
Ours the fresh turf, and not the feverish bed,  
While gasp by gasp he falters forth his soul,  
Ours with one pang — ene bound — ou, escapes control,

Nossa vida o tumulto, e nossos gozos  
Passar da lida ao ocio, alegres sempre.  
Quem o póde dizer? tu não, escravo,  
Que o alento perdes encarando as ondas!  
Nem tu, senhor lascivo, a quem o gozo  
Nega prazer, e quietação o somno!  
Só quem afeito ha muito ás tempestades  
Tem bailado em triumpho sobre as agoas,  
Póde dizer como o sentir exulta  
A quem percorre afeito esta ínvia estrada;  
Como a proxima briga nós amamos,  
Vendo encantos onde outros veem perigos;  
Com que alvoroço vamos ao encontro  
Do que os cobardes fogem; como tudo  
Que aos tímidos mudára a cor do gesto,  
Nos faz sentir do coração no fundo  
A esperança acordar — crescer o alento!  
A morte?... que tem ella, se sabemos  
Que os inimigos morrerão comnosco?  
Ella embrutece mais do que o descanso,  
Mas venha embora! A vida só nos prende  
Em quanto tenha animação — que importa  
Perdel-a por doença ou nas batalhas?  
Busque o leito onde enferme longos annos  
Quem gosta de assistir á propria ruina:  
Para nós o torrão de fresca relva,

His corse may boast its urn and narrow cave,  
And they who loath'd his life may gild his grave:  
Ours are the tears, though few, sincerely shed,  
When Ocean shrouds and sepulchres our dead.  
For us, even banquets fond regrets supply  
In the red cup that crowns our memory ;  
And the brief epitaph in danger's day,  
When those who win at length divide the prey,  
And cry, Remembrance saddening o'er each brow:  
How had the brave who fell exulted now !»



Não a cama febril onde elle pousa  
A fronte anciada respirando a custo.  
Em quanto se lhe esvae a alma aos arrancos,  
Uma só dor a nossa extingue rapida.  
Que seus restos depois se vangloriem  
N'um breve mausoleu, dourem-lhe a campa  
Os que sua existencia aborreceram :  
Sincero é nosso pranto, bem que raro,  
Quando o Oceano sorve nossos mortos,  
Dando-lhes a mortalha e sepultura.  
E, bem que nos banquetes tributada,  
Tambem nós a saudade conhecemos,  
Quando esgotada é á memoria nossa  
A rubra taça. Nem ao fim da lucta  
Esquece o epitaphio, quando a preza  
É repartida, e exclamam todos tristes :  
— Como neste momento exultariam  
Os bravos companheiros que expiraram!

Novembro de 1856.

XXVI.

SOLIDÃO.

I.

Longe! longe! onde não chegue  
O tumultuar do mundo —  
Vasto carcere profundo  
Onde geme o coração —  
Longe, longe, nestes ermos  
Onde só ha Deus que mande —  
Livre a alma então se expande,  
Livre a alma é alma então.

Homem — podes já sósinho  
Chorar triste as tuas dores,  
Que o viver dá raras flores  
Por mil espinhos que tem.  
Poeta! teus pobres hymnos,  
N'alma espontaneos nascidos,  
Pelos echos repetidos,  
Não motejará ninguém.



Ai que fallas tem os ermos!  
Cada voz da soledade  
Quanto excede em magestade  
O que exprime a humana voz!  
Que ternura diz a fonte  
No seu murmurar cadente!  
No ruido da torrente  
Que som sublime e feroz!

Fossem sempre vozes destas  
As que ouvissem meus ouvidos!  
Accentos desconhecidos  
Fossem outros para mim!

Não teria eu visto o mundo  
Tam outro do que eu sonhára !  
A minha illusão tam cara  
Não tivera breve fim.



Quem me dera na soedade  
Viver só co'a natureza !  
Sentir com ella tristeza,  
Com ella sentir prazer !  
Longe os homens ! — Só quizera  
Anjo puro de innocencia  
Para esta meia existencia  
Emfim completa fazer.

II.

E se o mundo não tem essa alma  
Que ha-de unir-se p'ra sempre co'a minha,  
Se é engano na terra mesquinha  
Outro amor procurar para o meu,

Se o humano existir foi partido  
Em dois entes — mysterio divino —  
Que se afastam aqui de continuo,  
Para só se encontrarem no ceu...

Para que me envolver nesse lodo  
D'um gozar que tam pouco nos dura  
Que só deixa após si amargura,  
Ao sentir-se que é tudo illusão?...  
Se é de gozos futuros presagio  
Este anhelos que a alma inebría,  
Porque não esperar *esse dia*  
De ventura em quieta soidão?

### III.

Para que minha alma  
Deliras ainda?  
A tarde já finda,  
Vae a escurecer.  
Calaram-se as aves,  
Só lá n'um pinheiro  
O mocho agoureiro  
Se escuta gemer.

Nos dias de Maio,  
Quando o sol se punha,  
Outra ave compunha  
Mais doce cantar.  
O canto era alegre  
Como o dia o fora —  
Mas é triste agora  
Como é meu scismar.

Ao longe fumega  
Modesta choupana,  
Com linda serrana  
Conversa o pastor —  
Que tem entre as horas  
De repouso e lida  
Esta hora querida,  
Esta hora de amor.

Só tu, ó poeta,  
Da vida o que fazes?  
Em sonhos fugazes  
Consumel-a em vão.

Debalde procuras  
Repouso profundo!  
Não o tem o mundo,  
Nem mesmo a soidão.

Outubro de 1851.



XXVII.

GALILEU.

AO EXC.<sup>mo</sup> SNR. ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO.

Meu Deus! que triste espectáculo  
O mundo aos olhos me dá!  
Das crenças o tabernaculo  
Não tem veu — rasgou-se já.  
E como o viver é triste  
Quando nelle nada existe  
Que da fé accenda o ardor —  
Quando é brinco a humanidade,  
Um escarneo a liberdade,  
E uma illusão o amor.

A aspiração do futuro  
Faz tantos sorrir — mofar...  
A mim não, que incenso puro  
Não sei ao tempo queimar.  
Eu não rio, que no seio  
Do coração sinto o aneio ;  
Preciso de crer e amar !  
Não tenho medo da morte,  
Mas não sou bastante forte  
Para poder duvidar.

Deixae-me scismar sósinho  
Nesses tempos que lá vão ;  
Deixae-me ir o meu caminho,  
Onde creio ha salvação...  
Quero fallar do passado.  
Preciso d'ouvir um brado  
De quem inda não descreu !...  
Que eu julgo que a humanidade  
Creu outr'ora na verdade :  
Não foi assim, Galileu ?

A verdade ! Foi a ella  
Que consagraste o viver !  
Illusão será, mas bella  
Como não póde outra haver.  
Que a Grecia peleje embora

Pela belleza que adora,  
Dê á morte mil tropheus :  
Não é Socrates mais forte  
Quando sorve amarga morte  
Por essa filha dos ceus ?

A verdade ! Tu a viste  
Nos teus sonhos, Galileu.  
Alegrou-te a vida triste  
Aquella visão do ceu.  
E ao vel-a quando sorria  
Com angelica alegria,  
Com meigo aceno de amor,  
Olhaste a mentira ousado,  
Como o anjo rebellado  
Olhou ao Deus vingador.

Nesse instante, quando o extremo  
Da vida vias ao pé,  
Ainda um grito supremo,  
Fez ouvir a tua fé !  
Tu viste naquelle instante  
O Homem-Deus agonizante  
O ceu e a gloria a fitar,  
Em quanto a turba maldita  
Brame a seus pés e se agita  
Como procelloso mar.

Viste Socrates no leito  
Ouvindo o povo rugir,  
Que um povo a erros afeito,  
Não sabe a verdade ouvir ;  
Mas o heroe que vê apenas  
Esconder-se o sol de Athenas,  
E o do seu viver tambem ,  
Expira com alegria !  
Vae dormir sonhando um dia  
Que surgindo perto vem !

Viste o genio em seu caminho  
Luctando co'a força vam,  
Sendo-lhe o mundo mesquinho  
Noite eterna sem manham.  
Mas se Prometheu ousado  
Nos dá o fogo sagrado,  
E tem pena atroz depois —  
Os martyres da verdade  
Dão á historia a eternidade —  
Dão aos seculos faroes.

Novembro de 1854.

## XXVIII.

### CANTO DE AMOR.

Angela ! é este o nome que o poeta  
Gravou na lyra em fervorosos beijos !  
Doce palavra que elle vê escripta  
    No ceu, no mar, na terra !  
No ceu, vê-a brilhar á luz dos astros ;  
No mar, escuta-a no soar das ondas ;  
Na terra, aspira-a no halito das auras,  
    No perfume das flores.

Nome que eu creio até que a natureza,  
Em horas de silencio e de mysterio,  
Casar costuma do Senhor ao nome —  
Eu nunca confiei teus sons divinos  
Senão da solidão — estranho ouvido  
Podéra profanar-te.

Oh! Angela! este som de mil segredos  
Encerra para mim mais harmonias  
Do que as dos bosques, quando os illumina  
O ultimo raio do mais bello dia;  
Quando as aves os hymnos seus gorgeiam,  
E a fontinha descae de seixo em seixo,  
E canta a brisa, a ramalhar nas arvores,  
Namorando a verdura inda mimosa.



Quando a noite silencio impõe ao mundo,  
E o ceu brilha, o mar geme, e a terra dorme,  
É doce então de amor fallar, querida!  
Embora a terra durma — nada a terra  
Tem com nossos amores, nossas almas.  
Não, que nunca esta mente me repousa,  
\*

Mas vela em ti pensando, como o Oceano  
Que geme sempre, em Deus talvez pensando —  
Não, que em teu peito um coração palpita  
Ancioso, como o ceu co'o brilho trémulo  
De mil estrellas fulgidas !

Não fallas ?

Gósto tanto da tua voz angelica,  
Que deixa o coração n'um doce enlevo,  
Qual bemaventurados gozar devem !  
Essa palavra « eu te amo » repetida  
Tantas vezes por ti, o mesmo encanto  
Tem para mim, que teve a vez primeira,  
Quando o amor e o pejo disputavam  
Qual nos daria — a ti — maior belleza  
— A mim — maior ventura.



Que lindos olhos tens ! e ha-de o poeta  
Só cantar as estrellas que fulguram  
Tam longe lá no ceu, quando ha na terra  
Astros como esses teus ?

Luz de esperança,  
Que vi brilhar do meu viver nas trevas !  
Deixa-me sorver soffrego teus raios,

Como sorve os do sol pudica rosa!  
E se esta dá em troca desses raios  
Ao seu rosal aromas recedentes,  
Minh'alma te dará seus pensamentos,  
Meu coração seu desejar mais puro.



Angela! como eu te amo — como vivo! —  
Porque a vida é amar. Ter em Deus crença  
Não é fitar teus olhos scismadores?  
Não é uma oração — dessas que sabe  
Erguer a Deus a natureza inteira —  
O palpitar de dois amantes seios,  
O enlevado de dois olhares ternos,  
Que ora se encontram — ora vão pousar-se  
A um tempo na gentil face da lua  
Que parece calar no mudo brilho  
Tambem amores, como os nossos, castos?  
Sim, é isto o viver!...

Dormir um somno

Que afagam sonhos, que visoenas alindam,  
Para um dia acordar ao som de musica  
De harpas celestiaes! E ha inda, ó Angela,  
Quem chame á vida inferno — a Deus mentira!

Julho de 1851.

XXIX.

ASPIRAÇOENS.

Que triste vida neste mundo vivo !  
Sou qual captivo que só trevas vê.  
Quando hei-de a aurora saudar serena,  
Que á minha pena refrigerio dê.

É frio este ar — eu o respiro a custo —  
D'um solo adusto dá mais vida o ardor,  
Quando o suavisa deleitosa aragem  
Que na passagem perfumou a flor.

Causa-me tédio este horizonte estreito  
Que opprime o peito, fatigando o olhar :  
Quero de valles extensão infinda,  
Ou quero ainda a vastidão do mar.

Nem quero até que me limite a vista  
D'um monte a crista que se occulta em veus .  
Do sol ver quero a despedida escripta  
Em larga fita colorindo os ceus.

Dem-me uma terra com viçosos prados  
Sempre esmaltados de feliz verdor,  
Onde eu ter possa primavera eterna,  
E sempre ver na lorangeira flor.

Não quero noites com mil veus medonhos  
Que bellos sonhos me não podem dar :  
Que sempre de astros o cortejo afflua  
Em quanto a lua pelo ceu vagar.

Quero outra vida sob um ceu ardente  
Onde inclemente não exista a dor.  
Quero que lá mil feiticeiras vaguem  
Que a sêde apaguem de infinito amor.

E quero d'*uma* no sorrir divino  
Ler meu destino de gozar sem fim ;  
Quero que amante me confie a sorte,  
E até á morte se abandone a mim.

Não mais escravo de mulher vaidosa,  
Que é só formosa, mas paixoens não tem,  
Hei-de na terra mendigar carinhos,  
Colhendo espinhos de cruel desdem.

Quero-*lhe* os olhos d'um azul escuro  
Como o ceu puro quando é noite já ;  
Negras pestanas sombreando as cores,  
Dem-*lhe* os pallores que em tormentas ha.

Quero-*lhe* uns labios cuja cor mimosa  
Imite a rosa, n'um sorrir feliz ;  
Mas do ciume no cruel martyrio,  
Imite o lyrio, que tristeza diz.



Que vida ahi eu viverei com ella !  
Flor sempre bella meu viver será ;  
Lympha que nunca seccará o estio,  
Nem sopro frio congelar virá.

Irá na terra, bonançoso arroio,  
Qual nunca foi, o meu viver em paz ;  
Irá!...

Mas sonho! Imaginar profundo  
N'um vago mundo de illusões me traz.

Ai louco ! o mundo por que em vão suspiro,  
A que eu aspiro, não tem ser real :  
E em quanto nelle imaginar insano,  
Mais inhumano tornarei meu mal.

1851.

XXX.

UMA NOITE D'ABRIL.

Nestas noites d'Abril que o Eterno  
Consagrou á ventura, e ao amor —  
Tudo canta feliz — só eu gemo  
Hymno triste gerado na dor.

Bella noite! Suspiros das brisas  
Só lhe quebram a doce mudez;  
Brinca a lua co'as agoas do rio  
Que já viu os amores de Ignez.

Mas a mim que me importa o silencio  
Com que a lua nos olha do ceu,  
Se meu peito é vazio de affectos,  
E minh'alma a esperança perdeu?

Que me importa a rainha dos astros,  
Que no liso Mondego se vê?  
Minha vida é qual longo crepusculo  
Em que a dúvida lucha co'a fé.

Quando ha pouco esses astros brilhantes  
Vi tremerem nos seios do ceu,  
Sua luz pareceu-me um momento  
Desfazer de minha alma o atro veu.

E seu fogo suave em meu peito  
Accendeu a esperança outra vez;  
E pensei que inda um dia a ventura  
Poderia sorrir-me talvez.

Mas a noite com suas bellezas  
Illudir-me um instante em vão quiz ;  
Foi em vão que as sublimes campinas  
Enflorou c'ó estrellado matiz.

Deu-me a luz socegada da lua,  
Que se vae no Mondego rever,  
Como uns olhos que vinham outr'ora  
Doce encanto a meus sonhos trazer.

Deu-me os doces murmurios do rio  
Suspirando ternuras sem fim ;  
Deu-me os vagos perfumes que as brisas  
Me traziam de ignoto jardim.

Deu-me a bella folhagem das arvores  
Para o ceu através contemplar ;  
Deu-me sons d'uma frauta distante  
Que me deram um terno scismar.

Deu-me encantos — mas — ai ! eu quizera-os  
Resumidos n'um riso de amor.  
Que me importam, ó noite, teus canticos,  
Se em minh'alma ha só hymnos de dor ?

1853.

XXXI.

VERSOS

RECITADOS NO THEATRO ACADEMICO DO PORTO.

Irmans são as artes. O genio se ostenta  
Na tela coberta por habil pincel,  
Na lyra do vate soltando harmonias,  
Na estatua que eleva sublime cinzel.

Ventura na terra de balde a procura  
Quem póde mil gozos ao mundo comprar :  
Feliz o talento — feliz o artista  
Que sabe transportes — paixoens acordar !

Embora morresse Camões n'uma enxerga,  
Lá viu no futuro seu nome brilhar ;  
E ao Tasso entre doidos vieram-lhe ainda  
Do grande Petrarca laureis offerar.

Antonio Ferreira, Camoens, Gil Vicente,  
Impoz-vos a morte perpetua mudez !  
Mas nós suspiramos, sentimos comvosco !...  
Arrancam-nos prantos os prantos de Ignez.

Oh ! sim, resuscitem os genios do drama !  
De novo á luz vinde, gentis creaçoens !  
Que o palco as anime ! Só podem os Talma  
Dourar dos Racine gigantes brasoens.

Amigos, á liça ! No campo da scena  
Dois astros fulguram, quaes gemeos irmãos :  
Medita o poeta, o actor o comprehende,  
Partilham triumphos, rivaes dão-se as mãos.

## XXXII.

### N'UMA NOITE TEMPESTUOSA.

Brame, ó tempestade, brame !  
Tem encantos teu rugir ,  
Embora o mundo mais ame  
Dos astros brando luzir.  
Falla, falla-me de horrores ;  
Á terra leva-lhe as flores,  
Rouba as estrellas ao ceu !  
Que appareça a natureza  
Sem mysterios, sem belleza !  
Cubra tudo escuro veu !

E ululando, ao longe, o Oceano  
Encha o ar de tristes ais —  
E o tufão, passando insano,  
Ondas erga mais e mais!  
Outros amem liso lago  
Que das auras doce afago  
Vae brandamente encrespar :  
Da procella o canto horrendo  
É agora o que eu entendo,  
Pois se casa ao meu pezar.

É que dentro de minh'alma  
Tempestuosas paixoens  
Tambem me roubam a calma  
Das primeiras illusoens.  
Não mais roje o ceu estrellas,  
Nem a terra flores bellas  
Que me enganaram sem dó :  
Quando as vi, sonhei amores,  
Disse á vida « dá-me flores »,  
E ella deu-me espinhos só !

Quem ao ver, ó natureza  
Teu variegado matiz —  
Quem ao ver tanta belleza —  
Não crê que será feliz ?  
Quem dirá que a dor se encerra

Nos verdes mantos da terra  
Que vam esperança dão?  
Eu só tarde pude crel-o!  
Mas hoje esse mundo bello  
Não me illude: vejo-o em vão.

Brame pois, ó tempestade!  
De teus trovoens no rugir  
Soa o horror, soa a verdade  
Que minh'alma quer ouvir!  
Canta da vida os horrores,  
Que no mundo não ha flores!  
Mente a terra quando o diz!  
E vós, estrellas celestes,  
Que vans quimeras me destes  
Se de amor fallaes, mentís!



XXXIII.

N'UM ALBUM.

(PRIMEIRA FOLHA.)

Sempre lembra da infancia appetecida  
O primeiro folgar sem uma dor,  
Ou nos seja o viver um dissabor,  
Ou entre flores corra amena a vida.  
É grato á alma, ainda arrefecida,  
O recordar-se do primeiro amor,  
Embora dado a coração traidor,  
Embora pago com paixão mentida.

Assim como o olvido não consome  
Primeiros gozos d'um viver fagueiro,  
Nem a afeição primeira... assim te assome  
Á mente um pensamento lisongeiro,  
Ao lembrares aquelle cujo nome  
No livro teu appareceu, primeiro.



XXXIV.

RECORDAÇOENS.

Amei-te, amei-te muito, anjo perdido  
No tumultuar d'um mundo que detesto.  
Amei-te, sim — mas ai — amor funesto  
Foi esse que sorví n'um teu olhar.

Era da infancia o despertar primeiro,  
Findára ha pouco a aurora da existencia :  
Inda o sol das paixoens não tinha ardencia  
Para meus sonhos vãos afugentar.

Já por mais viva luz alumiada,  
Mais bella me sorria a natureza ;  
Já nas flores achava mais belleza,  
E a conversar c'os astros comecei.

Ao ver o mar, minh'alma se expandia ;  
Já me não dava o seu rugir pavores ;  
Deixava, para o olhar, da terra as flores,  
E ao olhal-o scismava... em que, não sei

Vi-te então. Passeavas tu na praia,  
Procurando alvos seixos, descuidosa  
Da vaga cuja espuma ia vaidosa  
A par da tua mão perder o alvor.

E eu que buscava o teu olhar, achei-o...  
Achei-o — assim o quiz o meu destino  
Que nesse olhar nos deu prazer divino  
Pago depois com tanta — tanta dor.

Jurámo-nos amor. Oh! bem te lembra  
A noite desse louco juramento :  
Nem um soluço murmurava o vento,  
Nem um só ai mandava á terra o mar ;

Surgira então a lua, e do horizonte  
Parecia espreitar-nos curiosa ;  
Como se a criação toda afanosa  
Se importasse com nosso segredar.

Pobres loucos de nós — não nos lembrava  
O mundo em que viviamos mesquinhos.  
Creemo-nos nesse instante alli sósinhos,  
Tendo só por irmãos astros do ceu.

Ouvi-te as fallas de harmonia infinda ;  
Em teus olhos brilhava luz tam pura !  
O vel-a só já era tal ventura,  
Que nunca mais minh'alma a esqueceu.

Entre os humanos rapida existencia  
Devia ter uma affeição tam santa :  
Murchou em solo ingrato a pobre planta,  
Quando mal começava a despontar.



Foi breve o enleio — despertei. Embora !  
Desse amor impossível — sem 'speranças—  
Restam-me ainda vívidas lembranças,  
E essas ninguém m'as poderá roubar.

Passem as turbas em delirio louco ;  
Não lhes invejo seu prazer hediondo :  
De seus gozos não pode o vão estrondo  
Abafar do passado um echo em mim.

Sim. É por esse amor, embora sonho,  
Que sempre sentirei terna saudade.  
Ou gozal-o, ou perpetua soledade...  
Perpetua 'não — que este viver tem fim.



XXXV.

O DIA DOS MEUS ANNOS.

Astro de melancolia  
A quem Deus negou a luz,  
Tenho em vez de raios sombra,  
Como d'um jazigo a cruz.

INEDITO.

Meu natal! N'um horizonte  
Ennublado vens surgindo!  
Inda assim seja bem vindo  
O teu funebre clarão!  
Não esperes doces risos —  
Não terás ledos festejos:  
Melancolicos harpejos  
Tua vinda cantarão.

Salve, dia dos meus annos!  
Que após ti outro se apresse!  
Venha o final que arremesse  
Ao nada meu existir!  
Tu vens dizer-me que um dia  
Cessará meu soffrimento,  
Que basta só um momento  
Para a dor toda extinguir.

Passae, saudades da infancia --  
Lembranças da juventude!  
Deixae-me ver o ataude,  
Como um amigo, a sorrir.  
Não é sempre a vida o mesmo?  
— Pertinaz, baldado anhelos —  
Sohar sempre um mundo bello,  
E neste mundo existir.

Bem sei que pouco hei vivido.—  
Mas... passae meus torvos annos...  
Quantos mais — menos enganos  
O existir me póde dar.  
Se tudo é uma ironia  
A quanto eu quero e imagino —  
Correi, correi — meu destino  
É pela morte esperar.

É por isso que este dia  
Faz-me alegre — hoje sorrio —  
Seja embora um desvario  
Lembrar-me hoje do morrer.  
Quando, ao por do sol nos bosques  
Findam canticos suaves,  
Então as nocturnas aves  
Veem sua aurora romper.



XXXVI.

A COIMBRA.

Coimbra! Quem viver junto ao teu rio —  
Que, espelhando do ceu a cor tam pura,  
Ora se encobre, e as margens só procura,  
Ora entre os areaes vaga erradio —

Quem vir por noites placidas de estio  
De teus valles e campos a verdura —  
Não diga que jámais sentiu ventura,  
Que só da dor conhece o veu sombrio.

Azul ceu ! verde terra ! escuro monte !  
Teu mais bello sorriso, ó natureza,  
Eil-o neste insondavel horizontê !

O salgueiral tanto estes sitios préza,  
Que ora abaixa, ora eleva a inquieta fronte  
Na terra e ceu achando equal belleza.



XXXVII.

NOX PERPETUA UNA DORMIENDA.

(AO MEU AMIGO ALEXANDRE BRAGA.)

Vamos andando sin saber donde.

ESPRONCEDA.

Longe a tristeza ! Longe os pensamentos  
Que envenenam da vida os curtos gozos !  
Que importa, ó Deus, quaes sejam teus intentos,  
Se raiam sobre mim dias formosos ?

— Qual é da vida o fim — estulta idéa  
Em que o pensar inuteis horas gasta !  
Qual viração que as arvores menéa,  
Mystico sopro nossa vida arrasta.

Porque zombar da turba que se agita,  
Ora ao trabalho, ora ao prazer entregue ?  
Será mais sabia a frente que medita  
Arcanos que saber jámais consegue ?

Que importa se ha alem da sepultura  
Mais que um cadaver frio em terra fria ?  
Ou se ha outro calor, e outra luz pura,  
E outra terra, e outros ceus, e outra alegria ?

Talvez me brote da funerea lagem  
Um mundo extenso de eternal belleza :  
Mas porque maldizermos da viagem  
Se nos espera ao fim grata surpresa ?

Não sei — mas quando eu era áquem da vida  
Ninguem me annunciou este universo.  
Que muito é pois que na feral jazida  
Entre ignorante como entrei no berço ?



Olhae! a lorangeira se balança  
No ar que perfuma com suaves flores;  
Á terra preza vive, e não se cança  
Na primavera de brotar verdores.

Mas n'um rispido inverno, em noite brusca,  
O raio, do trovão seguindo o ronco,  
Desce á collina — a lorangeira busca,  
E a folhagem é cinza, é cinza o tronco,

Onde deixa o tufão o seu despojo?  
Talvez no rolo d'uma vaga, um dia,  
Bem longe, a ignotas praias vá de rojo  
Quem deu outr'ora aos valles alegria.



E ao homem donde vem tam grande orgulho?  
É porque olhando o ceu, os astros conta?  
Porque sorri das ondas ao marulho,  
E altivo ao raio seu caminho aponta!

Porque maldiz do seu viver os males?  
Será porque na ardente fantasia  
Póde sonhar um eden que em seus valles  
Eternas flores e anjos puros cria?

Porque, crendo em ignota providencia,  
Quer surprehender da creação o plano?  
E vendo um pezo inutil na existencia,  
A morte evoca em seu delirio insano?



Longe, longe o scismar n'um vago mundo!  
Longe a inquietação que n'alma impera!  
Embora seja nesse abysmo fundo  
Que dos humanos o porvir se gera.

Nem me venham dizer que a dor impelle  
A humanidade ávante, e assim escripta  
Foi a lei do progresso por Aquelle  
A cuja voz tudo se move e agita.

Bem sei. Mas que da terra o pobre filho  
Não vá erguer seu ideal tam alto,  
Qual viajor que encara um longo trilho,  
E desfallece, de energia falto.

1856.



XXXVIII.

O INVERNO.

I.

Salve ainda uma vez, ó natureza !  
És bella mesmo assim, triste e sombria ;  
Amo a severidade que hoje ostentas ;  
Gósto de teu aspecto carregado.

Já não tapiza os campos verde relva,  
De singelas florinhas marchetada ;  
Já não se escuta o murmurar carpido  
De modesto regato cristallino.  
Em vez do bafejar das doces auras,  
Escutam-se as rajadas do nordeste,  
Que ao cedro abaixa a sobranceira fronte ;  
Em vez do som do rio voluptuoso,  
Ouve-se ao longe a tumultuaria queda  
Da torrente que alaga o pó dos montes...  
Salve ainda uma vez, ó natureza !  
Deixa-me contemplar as tuas scenas —  
Quero-me extasiar ante o sublime  
De teus bellos, embora rudes, quadros !

II.

Despidos troncos — desnudados ramos  
Só vejo em torno a mim — sua folhagem  
De que servíra agora ? O fero norte  
Na passagem não quer achar estorvo.  
Era lindo de ver-se a branca lua  
Pelas noites de Maio perfumadas  
A espreitar entre as folhas dessas arvores :

Mas nestas noites que creou o Eterno  
Para ao homem fallar, não deve o raio  
Mostrar o seu fulgor entre a folhagem,  
Mas em nua amplidão, traçar ligeiro  
O nome do Senhor em igneas lettras.

III.

Soprae, soprae, ó ventos — sobre a terra  
Fazei ouvir a musica selvagem  
Que tem o pinheiral — sons grandiosos  
Que o coração fazem pulsar mais forte,  
Embora seja de prazer ou medo.  
Soprae, soprae, ó ventos — sobre o Oceano  
Erguei vagas e vagas ruidosas —  
Montanhas d'um momento — mas que podem  
Ainda assim sorver milhões de vidas,  
Dos homens confundindo o orgulho insano...  
Soprae, soprae, e pelo ceu correndo,  
Das nuvens estendei os vastos mantos,  
Que ao sol o disco radiante encobrem  
Com suas gigantescas — vagas formas.

Oh! eu gósto de vós, nuvens sombrias —  
Gósto de ver-vos a pairar no espaço,

Ora assombrando os valles e campinas,  
Ora do ceu torrentes despenhando,  
Que os tímidos regatos apavoram :  
Assim um bando freme d'alvas pombas  
Vendo do ceu na altura o açor librado.

É agora que eu te amo, ó patrio Douro !  
Agora sim, que passas sobranceiro  
E ameaçador sobre essa penedia  
Que tam profundo te cavou o leito.  
O proprio mar festeja alegre a vinda  
De tuas agoas, que no seio acolhe ;  
E ondas mais altas sobre ti rolando,  
Brinca, e um rugido de prazer eleva —  
Como a leoa, em seu amor selvagem,  
Ruge, quando c'os filhos brinca alegre.

IV.

E não hei-de eu sentir ante essas scenas  
Solemne enthusiasmo — ha-de esta lyra  
Emudecer, e não cazar seu hymno  
Da creação aos canticos sublimes ?

Louvores ao Senhor — que faz no estio  
Lourejar a seara na planura!

Por Elle é que no rio

O sol então fulgura.

É elle quem lhe agora a face véla,

E pelo ceu mil nuvens arremessa,

Que, não fulgida estrella,

Mas o raio atravessa.

Não desesperes, homem, escutando

O rugir do tufão, que na passagem

Vae do álemo soltando

O resto da folhagem.

Foi elle quem mandou o fero norte

Deixar assim a criação despida —

Elle o que dá a morte,

E dá tambem a vida.



## XXXIX.

### VIGILIA.

Com vosco sou maior; mais longe a mente  
Pelos seios do ceu se immerge livre,  
E se desprende de mortaes memorias.

A. HERCULANO.

Eu amo as horas placidas da noite  
Quando voeja o pensamento livre  
Por outras regioens, aonde os gozos  
Apuram o sentir, e a mente exaltam.

Mortas chamam taes horas os que nunca  
Conversaram comsigo um só momento.  
Horas mortas porque? — vaidade estulta —  
Porque o burguez foi repousar a fronte  
Dos calculos que a sua vida absorvem?  
Porque não passam luzes nas janellas  
De baroens sumptuosos — e da orgia  
Emmudeceram as cançoens impuras?  
Pois eu mais vida sinto então comvosco,  
Horas caladas — na mudez da noite  
Ninguem a fantasia me perturba.  
Embora seja imaginaria vida  
A que o pensar a sós comsigo cria.



E comtudo ha no dia mil encantos  
Que me enamoram — Quando o sol desponta  
E vem dar luz aos orvalhados campos,  
Bello é da vida o luminoso centro;  
E creio deve ter saudades delle  
Quem dorme o eterno somno : oh! é de certo  
Bem curto o horizonte d'um sepulchro.



Eu não sei... Mas ao ver as mil bellezas  
Que a criação ostenta dia e noite —  
Ao ver o sol, os montes, as campinas,  
As estrellas, os bosques, o Oceano,  
Inda me sinto triste dentro d'alma —  
E quizera outro sol de luz mais pura —  
Outros montes de formas mais ethereas,  
Outros campos mais verdes e floridos.



Brilha nos ceus a lua — altiva passa  
Indifferente pelas mil estrellas  
Que lhe enfloram a estrada de diamantes.  
Deixae tambem passar aqui na terra,  
Sorrindo de desdem a seus prazeres,  
O misero que busca outros encantos  
Que lhe creou a ardente fantasia.  
Deixae-o entregue a seus delirios loucos...  
Loucos? — quem sabe? que sabeis vós outros  
Que ao seu fantasiar chamaes loucura?  
Quem sabe se esse mundo a que elle aspira  
Existirá da criação no seio?



É tam bom o sonhar! É bella a vida  
Que eu imagino por veladas noites,  
Quando bem longe — a mente fatigada  
De si expelle as sensações terrenas.  
Guardae, guardae, ó virgens, 'esses risos  
Que tantas vezes vós vendeis ao oiro:  
Eu tenho aerea fada que vem meiga  
Ao meu peito encostar-se carinhosa,  
E fazer-me esquecer tristes memorias  
D'um custoso viver — Visão querida,  
Vem á noite afogar do dia as magoas;  
Qual celeste sorrir da madrugada  
Que da noite desfaz pezadas sombras.



Eu bem sei que entretanto a vida passa,  
E minh'alma sorri triste sorriso  
Vendo a existencia em illusões perdida;  
Mas tudo isso a que os homens chamam gozo —  
Ó amor — a gloria que com ancia buscam —  
Não será tudo uma illusão como isto  
Que a ventura me dá, embora em sonhos?

## XL.

### ADEUS.

Uma lagrima em teus olhos!  
Oh! bem vinda a doce gota  
Que a minha senda de abrolhos  
Orvalha com seu frescor.  
A dor teu rosto desbota,  
E minh'alma dilacera —  
Mas que importa se ella gera  
Essa perola de amor?

Adeus! as horas se apressam  
Invejosas sem piedade —  
Olha — talvez que me esqueçam  
Os gozos do nosso amor.  
Mas terei sempre saudade  
Deste instante, embora curto,  
E da lagrima que a furto  
Em teu rosto pinta a dor.

FIM.

## INDICE.

	Pag.
I Hymno á Lua — Ao meu amigo	
A. Ayres de Gouvea .....	7
II O Mar. .. .. .	11
III Ao mesmo. .. .. .	17
IV Soledade.. .. .	21
V A um retrato de Rousseau ..	25
VI Noites de Outomno .. .. .	28
VII Deus. .. .. .	38
VIII Lamentos de Camoens — Ao meu	
A. A. Soares de Passos. ..	41
IX Pensamentos d'Outomno.. ..	49
X Noite e Mar — (Fragmento) ..	51
XI Elegia — Canto do suicida ..	54

	Pag.
XII Não fujas .. .. .	58
XIII Quadras recitadas no concerto do violinista F. de Sá Noronha	61
XIV Ao Penedo da Saudade — (Em Coimbra. .. .. .	64
XV Não te esqueças .. .. .	66
XVI Hymno da manham.. .. .	69
XVII Outomno. .. .. .	72
XVIII No album d'uma Senhora ..	78
XIX N'um album. .. .. .	80
XX Desesperação. .. .. .	82
XXI Á Grecia — Em 1853. .. ..	87
XXII Á Hespanha.. .. .. .	92
XXIII A Angela .. .. .. .	97
XXIV Desassocego.. .. .. .	101
XXV Canção de Piratas .. .. .	107
XXVI Solidão .. .. .. .	112
XXVII Galileu — Ao Exc. <sup>mo</sup> Snr. An- tonio Feliciano de Castilho ..	118
XXVIII Canto de Amor.. .. .. .	122
XXIX Aspiraçoens.. .. .. .	126
XXX Uma noite d'Abril .. .. .	130
XXXI Versos recitados no Theatro Academico do Porto. .. .. .	133
XXXII N'uma noite tempestuosa. ..	135

	Pag.
XXXIII N'um album — (Primeira folha)	138
XXXIV Recordaçõens .. .. .	140
XXXV O dia dos meus annos .. ..	144
XXXVI A Coimbra .. .. .	147
XXXVII Nox perpetua una dormienda — Ao meu amigo Alex. Braga	149
XXXVIII O Inverno .. .. .	154
XXXIX Vigilia .. .. .	159
XL Adeus .. .. .	163



101  
 102  
 103  
 104  
 105  
 106  
 107  
 108  
 109  
 110  
 111  
 112  
 113  
 114  
 115  
 116  
 117  
 118  
 119  
 120



Decorative border at the top right corner of the page, featuring a repeating pattern of small, stylized floral or geometric motifs.



Decorative border along the left edge of the page, featuring a repeating pattern of small, stylized floral or geometric motifs.

Decorative border along the right edge of the page, featuring a repeating pattern of small, stylized floral or geometric motifs.

Decorative border along the bottom edge of the page, featuring a repeating pattern of small, stylized floral or geometric motifs.







LIBRARY OF CONGRESS



0 027 250 878 1